

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

PAULA KEGLER

**A TRAVESSIA DO SI MESMO NA PASSAGEM PARA A RESERVA:
ENLACES ENTRE TRABALHO E NARCISISMO**

Profª Drª. Mônica Medeiros Kother Macedo
Orientadora

Porto Alegre

2011

PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

**A TRAVESSIA DO SI MESMO NA PASSAGEM PARA A RESERVA:
ENLACES ENTRE TRABALHO E NARCISISMO**

Dissertação de Mestrado

PAULA KEGLER

Profª Drª. Mônica Medeiros Kother Macedo
Orientadora

Porto Alegre, janeiro de 2011.

PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

**A TRAVESSIA DO SI MESMO NA PASSAGEM PARA A RESERVA:
ENLACES ENTRE TRABALHO E NARCISISMO**

PAULA KEGLER

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Clínica.

Prof^ª. Dr^ª. Mônica Medeiros Kother Macedo
Orientadora

Porto Alegre, janeiro de 2011.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

K229t Kegler, Paula

A travessia do si mesmo na passagem para a reserva: enlaces entre trabalho e narcisismo / Paula Kegler. – Porto Alegre, 2011
96 f.

Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Psicologia, Pós-Graduação em Psicologia Clínica, PUCRS.

Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Mônica Medeiros Kother Macedo.

Inclui anexos.

1. Trabalho – Aspectos psicológicos. 2. Psicanálise. 3. Narcisismo.
4. Aposentadoria. 5. Vida militar. I. Macedo, Mônica Medeiros Kother.
II. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
Pós-Graduação em Psicologia Clínica. III. Título.

22. ed. CDD – 155.926

Bibliotecária Responsável:
Eidis Marlene Souza de Almeida, CRB 8/3245

PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE PSICOLOGIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Paula Kegler

**A TRAVESSIA DO SI MESMO NA PASSAGEM PARA A RESERVA:
ENLACES ENTRE TRABALHO E NARCISISMO**

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof.^a. Dr.^a. Mônica Medeiros Kother Macedo

Presidente

Prof. Dr.^a. Irani Iracema de Lima Argimon

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

Prof. Dr.^a. Silvia Pereira da Cruz Benetti

Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)

Porto Alegre, janeiro de 2011.

VELHOS SOLDADOS

*Os velhos soldados nunca morrem,
afastam-se apenas, embora dobrem
por eles os sinos da saudade.*

*A farda é como a pele,
está no coração, está na mente, confere,
como símbolo, grandiosidade.*

*E mesmo o afastamento
não faz cair no esquecimento
que andam, em espírito, fardados
marchando na cadência do tiro do canhão
na terra, no mar, no avião.
Eternamente soldados.*

Autor: José Nogueira Sobrinho
(Tenente Coronel da Reserva)
Fonte: www.reservaer.com.br

AGRADECIMENTO ESPECIAL

A Mônica Medeiros Kother Macedo, minha orientadora, pela leitura criteriosa das minhas produções, pelas incansáveis palavras de encorajamento e incentivo, pelo suporte afetivo e pela qualidade na transmissão do saber. Minha admiração e meu reconhecimento!

AGRADECIMENTOS

Aos que se fizeram presentes ao longo deste percurso, distintos em suas participações, desejo assinalar meu sincero agradecimento:

À minha família, vínculo fundamental que representa a certeza do acolhimento. À minha mãe Leoni, dedicada e zelosa, em cujos braços sempre encontrei exemplo e amparo. Ao meu pai Ary, homem determinado, fonte de estímulo para continuar na busca dos meus sonhos. Ao meu irmão Pedro, pela confiança e pelo bom humor nos nossos encontros sempre fraternais.

Ao Robson, meu amor e meu companheiro, pela qualidade do afeto compartilhado, pela palavra de incentivo e pela generosidade dos gestos cotidianos que deixam minha vida mais segura e tranquila.

Às minhas colegas de trabalho e, acima de tudo, amigas, Aline Mamede e Regina Schimitt, pelo carinho e pela escuta.

A Fernanda Cesa, pela constante disposição, por servir de modelo e, principalmente, pela amizade que, a partir de uma coincidência, sincronizou nossos caminhos.

Aos colegas do Grupo de Pesquisa “Fundamentos e Intervenções em Psicanálise”, pela presença, pelo companheirismo e pelo apoio em todos os momentos compartilhados ao longo desta trajetória.

Às mestrandas “velhas” Êrika Goelzer e Roberta Monteiro, e também às mestrandas “novas” Mariana Baldo, Laura Tomasi e Roberta Giacobone, pelos momentos de descontração e pelas trocas afetivas que tornaram os meus dias mais divertidos.

Aos auxiliares de pesquisa Renata Ribas, Sander Machado e Thomás Gonçalves, que se dedicaram às transcrições das entrevistas. Em especial ao Rafael dos Santos, pela disponibilidade constante e pelo auxílio minucioso na etapa final deste trabalho.

À Direção do Hospital de Aeronáutica de Canoas, pela credibilidade a mim oferecida e por disponibilizar suas dependências para a realização das entrevistas.

À equipe do Serviço Regional de Intendência (SERINT 5), na pessoa do Capitão Borba, pela cordial recepção e pela ajuda na coleta dos dados para este trabalho.

Aos militares entrevistados, pela gentil participação neste estudo, ao compartilharem comigo fragmentos de sua existência.

À CAPES, pela bolsa de financiamento que viabilizou a realização desta pesquisa científica.

RESUMO

O caráter central do trabalho para a vida humana remete à lógica capitalista em que se vive atualmente, visto que a atividade profissional é um dos requisitos para a participação do homem nos processos produtivos de uma sociedade. Além de prover o sustento, a vida laboral desempenha uma função que permite ao sujeito configurar e reconfigurar a percepção da realidade externa e do si mesmo por meio da dinâmica integração social que o trabalho possibilita. Nesse contexto, é inegável que o rompimento com a atividade profissional decorrente da aposentadoria se configure como uma vivência de grande impacto psíquico. Esta dissertação de mestrado tem o objetivo de realizar uma reflexão a respeito do papel do trabalho na dinâmica e na economia psíquicas, bem como busca explorar as especificidades do processo de aposentadoria no contexto militar. Foram elaboradas duas seções acerca dessa temática: uma teórica e uma empírica. Na seção teórica propõe-se uma leitura sobre os sentidos e significados contemporâneos da vida laboral, considerando sua função narcísica para o psiquismo humano. Com base em aportes teóricos da Psicanálise, busca-se uma compreensão do trabalho como importante recurso no processo de construção da subjetividade, e também para o desenvolvimento cultural da sociedade. A seção empírica, mediante a utilização de uma metodologia qualitativa, investiga as peculiaridades do trabalho e da passagem para a reserva, no âmbito da vida militar. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 13 militares aposentados por tempo de serviço no ano de 2008. Os achados neste estudo foram analisados e discutidos por meio da Análise de Conteúdo. Identificaram-se três categorias finais, assim nomeadas: O trabalho e a vida militar: singulares enlacs entre narcisismo e ideais; Demandas psíquicas frente ao rompimento com a atividade de trabalho; O recurso da escuta na pesquisa desvelando a reserva do sujeito. Dessa forma, viabilizou-se investigar a maneira pela qual a vida militar e o trabalho encontram-se entrelaçados aos processos identificatórios do sujeito. Constatou-se a busca de atribuição de sentido, por parte dos militares, para a experiência de afastamento do serviço ativo, bem como a tentativa de compensar frustrações advindas desse processo. A escuta na pesquisa revelou-se como um recurso promotor de manifestações de singulares reservas humanas a partir dos relatos sobre as experiências no trabalho e no espaço privado dos participantes.

Palavras-Chave: trabalho, narcisismo, aposentadoria, profissão militar, psicanálise.

Área conforme classificação CNPq: 7.07.00.00-1 (Psicologia)

Subárea conforme classificação CNPq: 7.07.07.00-6 (Psicologia do Desenvolvimento Humano)

ABSTRACT

The central character of labor to human life refers to a capitalist logic which we are living nowadays, as the professional activity is one of the requisites to man's participation in the productive processes of society. Besides providing a living, the labor life has a function which allows to oneself to configure and reconfigure the perception of the external reality and the self through the dynamical social integration that labor enables. In this context, it is undeniable that the rupture with the professional activity caused by retirement configures itself as an experience of great psychic impact. This master's dissertation aims to make a reflection about the labor role in the psychic dynamics and economy, as well as intends to explore the specificities from the retirement process in the military context. This dissertation has two sections: a theoretical and an empirical one. The theoretical section proposes a lecture about the contemporary meanings and senses of labor life considering its narcissist function to the human psyche. From psychoanalytical theoretical contributions, it is proposed an understanding of labor as an important resource in the process of subjectivity construction and also to the cultural development of society. The empirical section with qualitative methodology investigates labor's peculiarities and moving to reservation as part of military life. Thirteen retired military officers for length of service in 2008 were interviewed in a semistructured one. The outcomes of this study were analyzed and discussed from Analysis of Content. Three final categories were identified and named as: Labor and Military life: unique links among ideals and narcissism; Psychic demands facing the rupture with labor activity; The resource of listening in the research revealing the reservation of the individual. Thus, feasible to investigate the way which how military life and labor are linked in the identification process of someone. It was found the search to attribute sense about the experience of separation from active service, as well as the attempting to compensate some frustration originally from this process. Listening in the research was revealed as promoting resource of manifestations of unique human reserve from the reports about the labor experiences and the private space of the participants.

Keywords: labor, narcissism, retirement, military profession, psychoanalysis.

Area according to CNPq classification: 7.07.00.00-1 (Psychology)

Subarea according to CNPq classification: 7.07.07.00-6 (Psychology of Human Development).

SUMÁRIO

LISTA GERAL DE TABELAS	12
LISTA GERAL DE QUADROS.....	13
INTRODUÇÃO GERAL	14
Referências.....	18
SEÇÃO TEÓRICA	20
VIDA LABORAL E SENTIMENTO DE SI: A FUNÇÃO NARCÍSICA DO TRABALHO	20
Introdução.....	21
A dinâmica da vida laboral no cenário psicanalítico.....	22
A função narcísica do trabalho.....	26
Narcisismo e sublimação: o valor do trabalho na atribuição de valor ao sujeito.....	30
As relações de trabalho na contemporaneidade	32
Considerações Finais.....	35
Referências	37
SEÇÃO EMPÍRICA.....	41
A PASSAGEM PARA A RESERVA: UMA COMPLEXA TRAVESSIA DO SI MESMO	41
Introdução.....	42
Método	44
Resultados e Discussão	46
Considerações Finais.....	80
Referências	83
CONSIDERAÇÕES FINAIS DA DISSERTAÇÃO.....	88
ANEXOS.....	90
ANEXO A.....	91
Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.....	91
ANEXO B	93
Carta	93
ANEXO C	95
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	95

LISTA GERAL DE TABELAS

Tabela 1. Sumarização dos dados dos participantes obtidos na entrevista.....	47
---	----

LISTA GERAL DE QUADROS

Quadro 1. Categorização inicial, intermediária e final dos dados obtidos nas entrevistas com os participantes do estudo.....	48
Quadro 2. Dados referentes à Categoria Final 1	50
Quadro 3. Dados referentes à Categoria Final 2	60
Quadro 4. Dados referentes à Categoria Final 3	72

INTRODUÇÃO GERAL

Esta dissertação de mestrado, intitulada *A travessia do si mesmo na passagem para a reserva: enlaces entre trabalho e narcisismo*, foi desenvolvida no Grupo de Pesquisa “Fundamentos e Intervenções em Psicanálise”, coordenado pela professora Dra. Mônica Medeiros Kother Macedo. Esse Grupo de Pesquisa está inserido na área de concentração denominada “Constructos Teóricos, Modalidades de Avaliação e Intervenção na Construção do Conhecimento em Psicologia Clínica” do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). O presente estudo vincula-se ao projeto guarda-chuva “Metapsicologia Psicanalítica: Conceitos e Aplicações” e tem como objetivo investigar o processo da vivência de aposentadoria militar masculina no contexto contemporâneo.

O processo de subjetivação humana se dá a partir das experiências do contexto intersubjetivo e seus efeitos no espaço intrapsíquico. Esta inter-relação entre o que é interno e o que é externo ao sujeito ocorre de maneira ininterrupta e define os recursos psíquicos de enfrentamento perante as demandas da cultura. Sendo a qualidade da constituição psíquica infantil o alicerce para a representação singular que cada sujeito tem de si próprio, as experiências posteriores da vida adulta se configuram como novas possibilidades de reedição das primeiras vivências da infância e, também, de ressignificação dessa história. Dessa maneira, a partir da modalidade de vínculos que o sujeito adulto estabelece, ou seja, da forma como ele se engata no laço social, resulta a construção de uma história singular.

É inegável que a atividade profissional possui um caráter central na vida adulta, principalmente em função da valorização do trabalho na sociedade atual. Ao situar-se entre o coletivo e o individual, o âmbito laborativo configura-se como um espaço promotor de socialização. A função laboral exercida e o ambiente de trabalho, considerado essencial no estabelecimento das relações sociais, envolvem o cotidiano do homem a ponto de promover uma mescla da história particular com a história profissional. Isso significa que, por meio do trabalho, o homem transforma a natureza e deixa-se transformar por ela. A vida laboral constitui-se, então, como uma via promotora de sentidos de vida e da própria identidade, permitindo ao homem uma reconfiguração de si mesmo e da sua vida.

A importância do contexto de trabalho, conforme as considerações de Freud (1930/1996), permite a constatação de que a atividade profissional constitui-se como um destino privilegiado de deslocamentos libidinais que garantem o equilíbrio pulsional tão necessário à saúde psíquica. Sendo assim, o trabalho e a função nele exercida estão

entrelaçados aos processos identificatórios do homem, pois os investimentos nas relações de trabalho podem se transformar em uma fonte de valorização ou de feridas narcisistas (Hornstein, 1989).

Uma interrupção no direcionamento desses investimentos ao mundo do trabalho, como é o caso da aposentadoria, configura-se como uma experiência de crise (Jerusalinsky, 2000; Santos, 1990). Estar aposentado parece situar o indivíduo à margem de um projeto social de homem trabalhador, diante de uma cultura que valoriza no âmbito laborativo aspectos como produção, potência e êxito. Frente a uma vivência de ruptura com o trabalho, como objeto privilegiado de investimentos libidinais, percebe-se a exigência de que o sujeito lance mão de recursos psíquicos para a possível realização de uma reestruturação narcísica a partir do encontro de novos investimentos. Muitos estudos apontam as consequências psíquicas de um rompimento com o mundo do trabalho na vivência da aposentadoria (Carlos, Jacques, Larratea & Heredia, 1999; Costa e Soares, 2009; Enriquez, 1999; Graeff, 2002; Santos, 1990). Com a constatação da relevância dessa temática, surge a motivação para buscar uma compreensão dessa experiência a partir de aportes psicanalíticos que permitam uma leitura da aposentadoria pela via do impacto narcísico que ela provoca.

A temática do trabalho e sua decorrente vivência da aposentadoria vão ao encontro da Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem, lançada pelo Ministério da Saúde em 2008. A necessidade de estender o olhar às subjetividades masculinas relaciona-se à constatação de que o público masculino está à parte dos serviços públicos, no que diz respeito ao atendimento e cuidado de aspectos relativos à prevenção e promoção de saúde. Isso significa que a maioria dos homens apenas busca os serviços de saúde quando há o reconhecimento de alguma doença, sem a passagem pela atenção primária, tal como preconizam as políticas assistenciais do nosso país. Uma atenção maior à saúde do homem objetiva, então, diminuir as barreiras do sujeito masculino para com o cuidado de si mesmo. Nesse contexto, justifica-se uma investigação acerca do momento em que o sujeito masculino encerra seus investimentos psíquicos direcionados à atividade profissional formal, pois surgem questionamentos sobre como os homens, cuja função social está inevitavelmente atrelada ao trabalho, vivenciam o processo de término da vida laboral.

Além disso, percebeu-se, nos últimos anos, um aumento da bibliografia sobre programas de preparação para aposentadoria (Costa & Soares, 2009; França & Soares, 2009; Rodrigues, Ayabe, Lunardelli, & Canêo, 2005; Soares, Costa, Rosa & Oliveira, 2007; Soares Bogoni, 2008; Vries, 2003), o que denota a importância de uma atitude reflexiva a respeito da complexidade de fatores envolvidos nesse processo. Percebe-se, ainda, que no âmbito do

serviço militar, a vivência da aposentadoria é um processo diferenciado e altamente impactante. Nota-se que a carreira militar contempla uma série de significados na vida desses homens. De acordo com Barisch (2006), a profissão militar exige do sujeito um comprometimento total com a instituição que condiciona sua vida pessoal e profissional. Juramentos de dedicação e fidelidade à Pátria, rigoroso cumprimento de ordens e obrigações, respeito à hierarquia e disciplina são algumas características apresentadas pelo autor que diferenciam a profissão militar e justificam a forte ligação dos militares com a sua organização. Também, como peculiaridade deste público, tem-se que o processo de aposentadoria é nomeado como a passagem para a *inatividade* ou para a *reserva remunerada*. Barisch (2006) aponta que o modo peculiar do qual se reveste o exercício das funções militares dificulta o afastamento da rotina de trabalho no momento da aposentadoria. Nesse sentido, parece que a vivência de aposentadoria por parte dos militares, de forma particular, associa-se à perda de uma função laboral altamente investida pelo sujeito.

A Psicanálise oferece, desde uma posição interrogativa, recursos de reflexão diante dos fenômenos humanos, tanto no que diz respeito à psicopatologia, como em relação às manifestações cotidianas da vida psíquica. A própria aproximação freudiana ao estudo da histeria inaugurou um caminho para a reflexão acerca do amplo exercício da sexualidade humana. O progresso da teoria psicanalítica ocorre, para Hornstein (2008), mediante o desafio aos caminhos já percorridos, aliado a uma escuta do imprevisível. Dockhorn e Macedo (2008) destacam a vigência dos aportes teóricos da Psicanálise na compreensão das modalidades contemporâneas de expressão dos conteúdos inconscientes.

Esta dissertação de mestrado foi desenvolvida a partir do projeto “Vivência da aposentadoria masculina no contexto militar: enlaces entre trabalho e narcisismo”, remetido à Comissão Científica da Faculdade de Psicologia da PUCRS e ao Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS, para apreciação. Sua aprovação deu-se no dia 6 de janeiro de 2010 (Anexo A). Com base no referido projeto, foram elaboradas duas seções de estudo sobre o tema, de acordo com a Resolução nº002/2007 de 06/11/2007 do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUCRS. A primeira seção, de cunho teórico, é intitulada *Vida laboral e sentimento de si: a função narcísica do trabalho*; e a segunda seção, de caráter empírico, foi denominada *A passagem para a reserva: uma complexa travessia do si mesmo*.

O intuito da seção teórica envolveu, a partir de uma revisão da literatura, a proposta de uma reflexão sobre o papel da vida laboral na economia e na dinâmica psíquicas. Aportes teóricos da Psicanálise são utilizados na tentativa de realizar uma leitura acerca dos sentidos e significados contemporâneos do trabalho em sua função narcísica. Aprender a atividade

profissional como importante objeto de investimento libidinal viabiliza a articulação dos acontecimentos vividos na realidade material com o seu impacto na vida psíquica e no sentimento de si.

A seção empírica, por sua vez, responde ao projeto por meio de um estudo que investigou a significação do trabalho e da aposentadoria no contexto militar. O desenvolvimento da pesquisa deu-se a partir da escuta de militares acerca da singularidade da sua vivência dos processos relativos à vida laboral e à decorrente ruptura de investimentos psíquicos direcionados ao papel profissional. Para tanto, elegeu-se como opção metodológica a realização de um estudo qualitativo. Foram entrevistados 13 militares do sexo masculino aposentados por tempo de serviço no ano de 2008. Os resultados da pesquisa foram analisados e discutidos com o auxílio da Análise de Conteúdo de Bardin (1991), na proposta de Moraes (1999). O referencial psicanalítico foi utilizado para a interpretação dos dados.

A composição desta dissertação de mestrado, mediante a apresentação de duas seções, permite, tanto na perspectiva teórica quanto empírica, uma reflexão em profundidade a respeito dos fenômenos psíquicos envolvidos na atividade de trabalho e na vivência da aposentadoria. A Psicanálise oferece uma valorosa contribuição para compreender a inserção do homem no contexto laboral dos tempos atuais, bem como para realizar uma reflexão sobre a exigência de trabalho psíquico imposta pelo afastamento da vida laboral. Em vista da carência de publicações que compreendam esses processos sustentados pela teoria psicanalítica, este estudo busca contribuir com reflexões e questionamentos a respeito dos fatores que se fazem presentes na experiência de trabalho e de passagem para a reserva, na especificidade do contexto militar.

Referências

- Bardin, L. (1991). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Barisch, E.J.A. (2006). *Preparação para a reserva: necessidade estratégica para a Aeronáutica*. Dissertação de mestrado não publicada, Universidade da Força Aérea, Mestrado em Ciências Aeroespaciais, Rio de Janeiro.
- Carlos, S.A., Jacques, M.G.C., Larratea, S.V. & Heredia, O.C. (1999). Identidade, aposentadoria e terceira idade. In: *Estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento*, 1, 77-88.
- Costa, A.B. & Soares, D.H.P. (2009). Orientação psicológica para a aposentadoria. In: *Revista Psicologia: Organizações e Trabalho*, 9(2), 97-108.
- Dockhorn, C. & Macedo, M. (2008). A complexidade dos tempos atuais: reflexões psicanalíticas. In: *Revista Argumento Psicologia*, 54(26), 217-224.
- Enriquez, E. (1999). Perda do trabalho, perda da identidade. In: M. R. Nabuco e A. C. Neto (Orgs.), *Relações de trabalho contemporâneas* (pp. 69-83). Belo Horizonte: IRT (Instituto de Relações do Trabalho) da PUC Minas.
- França, L.H.F.P. & Soares, D.H.P. (2009). Preparação para a aposentadoria como parte da educação ao longo da vida. In: *Psicologia Ciência e Profissão*, 29(4), 738-751.
- Freud, S. (1930/1996). O mal-estar na civilização. In: J. Strachey (Ed. & Trad.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 21, pp. 65-148). Rio de Janeiro: Imago.
- Graeff, L. (2002). Representações sociais da aposentadoria. In: *Textos sobre envelhecimento*, 4(7), 19-34.
- Hornstein, L. (1989). *Introdução à psicanálise*. São Paulo: Editora Escuta.
- Hornstein, L. (2008). *As depressões: afetos e humores do viver*. São Paulo: Via Lettera: Centro de Estudos Psicanalíticos.
- Jerusalinsky, A. (2000). Prefácio. In: APPOA (Associação Psicanalítica de Porto Alegre), *O valor simbólico do trabalho e o sujeito contemporâneo* (pp. 09-10). Porto Alegre: Artes e Ofícios.
- Ministério da Saúde (2008). *Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem*. Brasília, DF. Centro de Documentação do Ministério da Saúde - Departamento de

Ações Programáticas Estratégicas. Acessado em 23 de abril de 2009, disponível em <http://dtr2001.saude.gov.br/sas/portarias/port2008/pt-09-cons.pdf>.

- Moraes, R. (1999). Análise de conteúdo. In: *Educação*, 37(22), 7-32, Porto Alegre: PUCRS.
- Rodrigues, M., Ayabe, N.H., Lunardelli, M.C.F. & Canêo, L.C. (2005). A Preparação para a aposentadoria: O papel do psicólogo frente a essa questão. In: *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 6(1), 53-62.
- Santos, M.F.S. (1990). *Identidade e aposentadoria*. São Paulo: EPU.
- Soares, D.H.P., Costa, A.B., Rosa, A.M. & Oliveira, M.L.S. (2007). Aposenta-ção: programa de preparação para aposentadoria. In: *Estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento*, 12, 143-161.
- Soares, D.H.P. & Bogoni, A. (2008). Projetos de futuro na aposentadoria: uma discussão fundamentada pela orientação profissional em psicologia. In: *Revista de Psicologia y Ciências Afines*, 5(2), 35-46.
- Vries, M. (2003). Síndrome da aposentaria. In: *Revista HSM Management*, 8(41), 182-190.

SEÇÃO TEÓRICA

**VIDA LABORAL E SENTIMENTO DE SI:
A FUNÇÃO NARCÍSICA DO TRABALHO**

Introdução

O processo de subjetivação humana sofre influência das articulações que se estabelecem entre a história individual e o contexto sociocultural no qual um sujeito vive. Um indivíduo se constitui, portanto, como sujeito social, a partir da inter-relação entre a singularidade de suas experiências e os valores da cultura da sua época. Logo, a maneira como ele se situa no mundo reflete o modelo da sociedade em que vive. Na medida em que as determinações sociais, políticas, econômicas e culturais vão se transformando, a subjetividade humana vai sendo influenciada por essas mudanças, constituindo, assim, uma incessante necessidade de reconfiguração que denuncia a interdependência do homem com seu ambiente. Cabe ressaltar que a forma de responder às demandas do meio externo depende da complexidade dessas transformações e dos recursos psíquicos dos quais o sujeito lança mão para enfrentá-las.

O tema da vida laboral pode ser considerado um excelente modelo ilustrativo das interações recíprocas entre o que é interno e o que é externo ao sujeito. De acordo com Herédia (1999), o trabalho ilustra uma atividade humana criativa que possibilita a distinção entre o ser humano e as outras espécies animais, pois é através da vida laboral que o homem constrói e transforma seu meio, assim como se insere na sociedade. O trabalho pode, então, ser compreendido como a forma mais clássica de engate do sujeito no circuito social, na medida em que por meio dele se dá um importante enlace da realidade psíquica com as demandas da cultura.

Sabe-se que, por meio do trabalho, o homem encontra satisfações concretas e simbólicas. As primeiras estão relacionadas, principalmente, ao bem-estar físico e às condições que viabilizem a proteção da vida. Já as segundas, ao assumirem significado simbólico, ligam-se a uma complexa produção de sentidos intermediada por desejos e motivações que extrapolam o domínio da consciência. Nesse sentido, a atividade profissional constitui-se como uma das situações de destaque na vida do ser humano. Além de lhe prover o sustento, o trabalho desempenha uma função que permite configurar e reconfigurar a percepção do meio e de si mesmo por meio da dinâmica integração social que o trabalho possibilita.

A Psicanálise considera o sujeito em sua singularidade, bem como destaca o valor das vivências intersubjetivas que se dão no encontro com o outro. Ela se apresenta como um recurso teórico e técnico que propõe uma leitura do homem em sua interação com o meio não apenas pelo viés da psicopatologia, mas, também, por meio da concepção de uma subjetividade criativa e criadora de potencialidades. Como afirmam Dockhorn e Macedo

(2008), a Psicanálise segue atual ao oferecer seu universo teórico como uma ferramenta de compreensão da complexidade dos fenômenos humanos.

Sendo assim, esta seção teórica se propõe a uma reflexão a respeito das interações homem/trabalho, tomando o conceito do narcisismo como eixo metapsicológico a ser desenvolvido. O conceito do narcisismo será aqui abordado no sentido de permitir uma leitura tanto do valor atribuído pelo homem ao trabalho, como, também, da importante função desse fenômeno no que diz respeito aos investimentos pulsionais nas relações de objeto como mediadores da autoestima e da saúde psíquica.

A dinâmica da vida laboral no cenário psicanalítico

É indiscutível o caráter central ocupado pelo trabalho na vida das pessoas. É um aspecto da vida humana que se configura como agente socializante e amplia a possibilidade de autorrealização. Mas não foi sempre assim. De acordo com Enriquez (1999), nas sociedades antigas o trabalho não era valorizado tal como na sociedade atual, sendo considerado um instrumento de tortura. Com o desenvolvimento industrial, percebeu-se que “os homens não somente sofrem sua história, mas também podem produzir sua história” (Enriquez, 1999, p. 70). A partir dessa concepção, o autor afirma que o trabalho passou a ocupar um lugar de valor devido à liberdade adquirida pelo homem para transformar a natureza e a sociedade.

A partir do século XVIII, conforme Laner (2005), o trabalho deixou de ser considerado apenas como fonte de alienação e passou a ser associado também à riqueza e à felicidade. A autora aponta que a concepção de felicidade está relacionada ao bem-estar material que o trabalho possibilita, mas se articula igualmente a conceitos como realização, progresso humano e importância social. Ferraz (1998) enfatiza o quanto o valor do trabalho está atrelado ao significado que ele tem na cultura.

Sabe-se que um desenvolvimento teórico a respeito da vida laboral não foi o objetivo central da Psicanálise desde a sua origem. Entretanto, na medida em que envolve uma dimensão social da prática humana, a temática do trabalho permeia toda a obra freudiana. No cenário psicanalítico este assunto surge com mais ênfase na consagrada obra *O Mal-estar na Civilização*, quando Freud (1930/1996) faz referência ao trabalho, apontando-o como um importante caminho frente à tarefa de evitar o sofrimento. O autor interroga-se a respeito da existência de uma possível forma de buscar o prazer e a felicidade sem atender à totalidade da satisfação pulsional. Em seguida, Freud (1930/1996) aponta a seguinte solução: “tornar-se membro da comunidade humana e, com o auxílio de uma técnica orientada pela ciência,

passar para o ataque à natureza e sujeitá-la à vontade humana. Trabalha-se então com todos para o bem de todos” (p. 85). Assim, a teoria freudiana mostra que o nascimento da civilização só foi possível pela renúncia de uma parcela da liberdade pulsional, em troca de segurança. Dessa forma, os deslocamentos da libido, próprios do funcionamento psíquico, atendem a dois propósitos: a satisfação da pulsão sexual e a coesão social.

Sendo o trabalho o principal elemento que permite a produção e a manutenção das relações entre as pessoas em uma sociedade, Enriquez (1999) atribui a ele a responsabilidade pela organização do laço social. Nessa perspectiva, Costa (2000) inscreve o trabalho em um campo necessariamente relacional, por ser altamente propício para as relações humanas, e o situa como um campo do inconsciente. Segundo a autora, no trabalho estão implicadas a realidade psíquica, a dimensão simbólica e as trocas afetivas interpessoais. Pode-se considerar, então, que o processo de subjetivação, sempre atrelado a vivências intersubjetivas na infância, encontra na vida adulta o trabalho como elemento constitutivo e fundamental da personalidade humana.

Ferraz (1998) e Camerini (2000) demonstram o quanto, em alguns momentos, o trabalhar pode ser simbolizado como uma modalidade do brincar. Winnicott (1975) situa a brincadeira em um *espaço potencial*, o qual contempla uma zona intermediária entre sujeito e objeto, uma realidade ao mesmo tempo psíquica e material. A concepção winnicottiana considera o *espaço potencial* como parte da organização do si mesmo, na medida em que foi desenvolvido para dar conta de uma vivência criativa do bebê necessária nas situações em que a mãe se faz ausente. A partir de um jogo livre entre o mundo subjetivo e o mundo objetivamente percebido, o bebê pode fantasiar a presença da mãe, exercendo uma experiência de confiabilidade no ambiente. O autor identifica que, por meio da fantasia, o bebê evita a separação da mãe preenchendo o espaço potencial “com o brincar criativo, com o uso de símbolos e com tudo o que acaba por se somar a uma vida cultural” (Winnicott, 1975, p. 151).

Percebe-se, então, que o *espaço potencial* contempla o universo da constituição e do exercício da função simbólica do psiquismo traduzidos na brincadeira e na criatividade. Por meio do brincar, conforme expressa Franco (2003), a criança e o adulto “experimentam liberdade suficiente para criar e criar-se” (p. 55). Winnicott (1975) enuncia uma evolução do brincar na infância para as experiências culturais na vida adulta, situando ambos no espaço potencial. Podem-se encontrar pontos de intersecção dos escritos winnicottianos com o que Hornstein (2008) aponta quando caracteriza o *espaço potencial* como um “meio fundamental para uma entrada na vida social e cultural” (p. 31). Dessa forma, o significado psíquico da

vida laboral, ao ser considerada uma experiência da cultura, pode ter a mesma essência do brincar infantil. A partir da história pessoal no âmbito do trabalho, enquanto atribuição de um viver criativo e construtivo, o sujeito singulariza a sua capacidade simbólica e as experiências vividas no espaço potencial, por meio da transformação da cultura e do si mesmo.

Contribuindo no desenvolvimento de conceitos sobre a temática da vida laboral, a teoria da Psicodinâmica do Trabalho, proposta por Dejours (1993), emprega o termo *carga psíquica* para enfatizar a consideração de que a atividade profissional pode ser fonte de equilíbrio para uns e motivo de esgotamento para outros. O autor afirma que, se o trabalho permite a diminuição da carga psíquica, pode ser considerado produtor de homeostase – carga psíquica positiva. Por outro lado, na medida em que o trabalho for configurado como uma instância que não autoriza a descarga, resultando no acúmulo de energia psíquica, o autor destaca que o trabalho torna-se fatigante, ou seja, uma carga psíquica negativa.

Percebe-se na proposta dejouriana a importância de um equilíbrio psíquico, que se assemelha com a transformação do *princípio do prazer em princípio da realidade* apresentada anteriormente por Freud (1911/2004) no artigo *Formulações sobre os Dois Princípios do Acontecer Psíquico*. Segundo a proposição freudiana, o princípio da realidade surge como forma de barrar o que o princípio do prazer busca. O primeiro, o princípio da realidade, ocorre sob influências da realidade externa e indica a percepção de que o mundo reluta em se submeter à vontade do sujeito. É próprio deste princípio a apreensão do mundo como “real”, intimidante e limitante. Já o segundo princípio mencionado pelo autor, o princípio do prazer, caracteriza o movimento de busca humana do que é agradável, do prazer e da felicidade, por meio da diminuição da tensão pulsional causada pela intensa estimulação do aparelho psíquico pela realidade externa.

Com o advento do princípio da realidade já não se representa apenas o que é agradável ao sujeito, mas o que é real, mesmo que o real seja desagradável. Freud (1911/2004) refere que o princípio da realidade se instala para adiar o prazer, ou seja, “um prazer momentâneo e incerto acerca de suas conseqüências¹ só é abandonado para assegurar que mais tarde, por novas vias, se obtenha um prazer garantido” (p. 68). Este princípio surge para modificar o princípio do prazer, na medida em que consegue impor-se como princípio regulador do funcionamento psíquico.

Mais tarde, Freud (1930/1996) menciona que “obtem-se o máximo quando se consegue intensificar suficientemente a produção de prazer a partir das fontes do trabalho

¹ Nas citações diretas, a ortografia antiga será mantida, por fidelidade à obra citada.

psíquico e intelectual. Quando isso acontece, o destino pouco pode fazer contra nós” (p. 87). O autor afirma que o trabalho profissional contempla um método para a conduta da vida humana que prende o indivíduo à realidade, oferecendo-lhe um lugar seguro na medida em que se constitui como um modelo de amparo contra o sofrimento. Nesse contexto, a vida laboral, ao suavizar a imposição da vivência intensa de prazer pelo intermédio da realidade externa, pode exercer um importante papel mediador entre os dois princípios psíquicos.

As ações que alteram a realidade material, de modo que esta se configure como expressão de marcas humanas, são, de acordo com Ruffino (2000), produto de energia laborativa. Segundo o autor, “o termo trabalho registra inúmeros níveis de atividades realizadas pelo homem, mas também outras, realizadas no homem” (p. 194, grifos do autor). Esta dinâmica de limites não facilmente identificáveis possibilita à vida laboral desempenhar uma função reguladora e de equilíbrio entre o que é psíquico – produto do inconsciente, e o que é externo ao sujeito. Como resultado, percebe-se, a busca pela satisfação pulsional por meio de uma construção simbólica e não de uma descarga direta. Hornstein (2008) considera que um certo equilíbrio entre fantasia e realidade promove o acesso aos fenômenos culturais, constituindo-se como sinônimo de saúde psíquica. Pode-se constatar, então, que o lugar seguro na realidade conferido ao trabalho a que Freud (1930/1996) se referiu, bem como a transformação realizada **no** homem pelo trabalho, conforme citação de Ruffino (2000), estão associados à evitação de padecimento pelo domínio da fantasia.

A função narcísica do trabalho

A partir do momento em que o trabalho passa a ter uma significação atrelada a um valor, é inegável a relevância de refletir sobre seu papel na constituição e na dinâmica psíquicas do sujeito. Para a Psicanálise, a constituição do eu, em sua dimensão psíquica, indica, necessariamente, a presença de um outro. A noção de alteridade, marcada pela diferença do sujeito em relação a um outro, pode ser mais adequadamente compreendida a partir do conceito de narcisismo desenvolvido por Freud (1914/2004) em *À Guisa de Introdução ao Narcisismo*. Neste artigo metapsicológico, o autor inaugura as bases para o segundo dualismo pulsional², no qual a totalidade das pulsões é compreendida pelo viés da sexualidade, ou seja, o próprio ego se constitui como objeto da pulsão sexual. A diferença é que algumas se dirigem ao ego (libido do eu ou libido narcísica) enquanto que as outras se dirigem ao mundo externo (libido do objeto).

² Na primeira teoria pulsional da obra freudiana, as pulsões também faziam parte de uma estrutura dualista, sendo divididas entre pulsões de autoconservação e pulsões sexuais.

O desenvolvimento da libido inicia-se com o autoerotismo, período no qual a pulsão sexual encontra satisfação sem recorrer a um objeto externo. Isso significa que a libido está dirigida para o próprio corpo, mas uma unidade psíquica como o eu ainda não está presente. A sexualidade, nesta posição autoerótica, configura-se de forma caótica e polimorfa, pois não há uma unidade de ego. A passagem pelo autoerotismo possibilita o surgimento do narcisismo, como uma segunda etapa libidinal, na qual ocorre um investimento da libido na imagem unificada de si mesmo, momento em que o bebê toma a si mesmo como objeto de amor. Entre esses dois arranjos, ocorre o processo de constituição do eu, condicionado pela necessária presença do outro. Freud (1914/2004) se refere a esse tempo ao afirmar que

uma unidade comparável ao eu não esteja presente no indivíduo desde o início; o eu precisa antes ser desenvolvido. Todavia, as pulsões auto-eróticas estão presentes desde o início, e é necessário supor que algo tem de ser acrescentado ao autoerotismo, uma nova ação psíquica, para que se constitua o narcisismo (p. 99).

Ao propor uma leitura a respeito da *nova ação psíquica* apontada por Freud (1914/2004) como imprescindível para a existência subjetiva, Garcia-Roza (1995) refere-se à construção da unidade do eu como produto da identificação com o discurso materno. Da mesma forma, Hornstein (2008) também interpreta a concepção freudiana da nova ação psíquica como sendo o efeito de um vínculo fundamental entre mãe e bebê. O autor assim descreve:

neste encontro, produz-se uma mudança estrutural (Freud considerou que era um ‘novo ato psíquico’). O ego se constrói a partir de uma história preexistente, uma história identificatória. [...] O bebê expressa seu sentir no corpo. A mãe o decodifica, o interpreta, traduz esses sinais visíveis do corpo e, a partir de sua própria história, lhes empresta palavras e afetos que serão as inscrições fundantes da estrutura psíquica (Hornstein, 2008, p. 29).

Na perspectiva das articulações entre esses dois autores, pode-se perceber que a mãe empresta o seu ego para o bebê a fim de que ele transforme a dispersão pulsional própria do estado autoerótico numa unidade psíquica. O bebê, ao reconhecer-se na imagem do outro, se integra numa imagem unificada de si próprio. Trata-se do nascimento do eu. É este investimento de um outro materno que organiza o psiquismo através da tradução das sensações corporais e afetivas por meio de representações simbólicas. Dessa forma, a mãe transforma-se em mediadora das relações que o infante está estabelecendo como o mundo externo. Hornstein (2008) reconhece o quanto a qualidade dessas relações iniciais com o outro

interfere no sentimento de estima de si, ao afirmar que “é o outro que alimenta o ego ou o desvaloriza” (p. 46).

Quando a catexia libidinal investida no eu excede uma certa quantidade, há uma necessidade de ultrapassar os limites do narcisismo. Então a libido deve ser investida no mundo externo, para que se torne uma libido objetal. Nesse sentido, Freud (1914/2004) afirma que “precisamos começar a amar para não adoecer” (p. 106), demonstrando a importância de um certo equilíbrio entre o investimento de si e o investimento de objeto. Este movimento de investimento psíquico que opera, também, sobre o mundo exterior dá a garantia de que o narcisismo se mantenha saudável. Essa ideia é retomada por Hornstein (2003), quando propõe um contraponto entre o *narcisismo patológico* e o *narcisismo trófico*, afirmando que o primeiro configura-se numa existência psíquica que não está assegurada, traduzindo-se na constante necessidade de confirmar a identidade e a autoestima. Já o narcisismo trófico está associado, segundo o autor, a aspectos libidinais manifestados na busca por objetos, a qual permite que o sujeito mantenha uma coesão egoica e uma estabilidade no sentimento e no valor do si mesmo. Hornstein (2008) refere-se, então, ao narcisismo trófico, em conformidade com a revelação freudiana sobre o que seria necessário para manter a saúde psíquica: a capacidade para amar e trabalhar. O autor considera que o narcisismo trófico nutre o psiquismo, pois permite que sejam “cuidadas a identidade e a auto-estima, mantendo-se, no entanto, interesse por outras metas e atividades” (Hornstein, 2008, p. 29). Dessa forma, pode-se dizer, então, que o narcisismo é trófico quando representa um alicerce para a constituição do eu, dos ideais, dos projetos, da simbolização e da criatividade, na medida em que promove um equilíbrio entre realidade e fantasia.

A capacidade para amar e trabalhar refere-se, ainda, ao fato de que as relações de trabalho são sustentadas também por laços e significantes emocionais, e não só pela necessidade econômica propriamente dita. Assim, a vida laboral está associada à economia psíquica, pois, a partir do momento em que se destina um tanto de amor às atividades profissionais como modalidade de investimentos pulsionais, a força de Eros³ produz uma ligação do sujeito com o seu ofício (Arantes, 1998; Coelho, 2010). Na mesma perspectiva, Codo, Soratto e Menezes (2004) fazem referência à proposição freudiana da importância do amor e do trabalho, enfatizando que essas duas esferas contemplam a totalidade da vida adulta: o amor relaciona-se à reprodução e o trabalho ao ato de produzir.

³ Essa expressão está relacionada a um novo dualismo pulsional proposto por Freud (1920/1996) em *Além do princípio do prazer*. Esta terceira enunciação freudiana compõe-se pelas *pulsões de vida* – Eros (pulsões sexuais + pulsões de autoconservação) e *pulsões de morte* – Tânatos.

A temática do trabalho e sua relação com o narcisismo tomam importância na medida em que contemplam a forma pela qual os sujeitos humanos destinam uma importante quantidade de carga psíquica de investimento à vida laboral. Dessa forma, a função narcísica do trabalho reside em servir de objeto diferente do si mesmo para a libido ser investida. Freud (1930/1996) aponta que a possibilidade de felicidade humana está sempre relacionada às interações recíprocas entre narcisismo (investimento no eu) e libido objetal (investimento num objeto exterior ao eu). O autor demonstra a significação do trabalho para a economia da libido, ao referir a possibilidade que a atividade profissional oferece de

deslocar uma grande quantidade de componentes libidinais, sejam eles narcísicos, agressivos ou mesmo eróticos, para o trabalho profissional, e para os relacionamentos humanos a ele vinculados, empresta-lhe um valor que de maneira alguma está em segundo plano quanto ao de que goza como algo indispensável à preservação e justificação da existência em sociedade (Freud, 1930/1996, p. 88).

Percebe-se, portanto, a importância de considerar as relações do narcisismo e dos investimentos libidinais no trabalho com a dimensão dos ideais compreendidos como formações substitutivas da libido narcísica. Freud (1914/2004) indica que, para um adequado desenvolvimento psíquico, é necessário afastar-se do narcisismo primário (eu ideal) em direção a um ideal do eu que o represente. Este, quando alcançado, permite a vivência de satisfação na vida adulta. Segundo Laplanche e Pontalis (2001), o eu ideal é o “ideal narcísico de onipotência forjado a partir do modelo do narcisismo infantil” (p. 139), é o eu narcísico perfeito da infância baseado no princípio do prazer, comparado por Freud (1914/2004) a um verdadeiro delírio de grandeza.

No decorrer do desenvolvimento psíquico, o sujeito deverá abandonar esse ideal narcísico, devido aos limites impostos pelo encontro com o outro, o qual põe fim a um imaginário de perfeição e completude. São as experiências de castração que vêm perturbar o narcisismo, no qual o indivíduo era objeto de desejo absoluto da mãe. É a fragilização do ideal de onipotência narcísica que vai possibilitar a passagem de um eu ideal para um ideal de eu. Este se refere ao que o eu deseja ser, um ideal futuro a ser alcançado pelo eu seguindo a lógica do princípio da realidade e em acordo com os valores legitimados pela cultura.

De acordo com a definição de Laplanche e Pontalis (2001), o ideal do eu configura-se como uma “instância da personalidade resultante da convergência do narcisismo (idealização do ego) e das identificações com os pais, com os seus substitutos e com os ideais coletivos” (p. 222). Dessa forma, a passagem de um eu ideal para um ideal de eu se faz necessária para barrar a potencialidade onipotente do narcisismo. Hornstein (1989) considera

como característico do sujeito adulto, o ideal do eu enquanto instância reguladora da autoestima de cada um, referindo-se aos valores internalizados pelo sujeito, decorrentes de sua história de vida singular. A autoestima seria o produto final daquilo que o eu pode cumprir em relação às exigências do ideal. O autor define que “o objeto, as relações, cumprem funções narcisistas, de sustentação tanto da auto-estima como da própria identidade do eu” (p. 156).

Sendo assim, a constituição do ideal do eu se realiza por meio do trajeto identificatório. Este se configura como um projeto de identificação com o ideal valorizado que está fora do si mesmo e que anuncia uma promessa de realização no futuro. Hornstein (1989) afirma que a construção do eu ideal se dá por meio da internalização de “valores, críticas e exigências presentes no sistema de desejos parentais que, por sua vez, refletem o sistema de valores do campo social” (p. 176). Nesse contexto, pode-se dizer, então, que o trabalho e a função exercida na atividade profissional estão entrelaçados aos processos identificatórios do sujeito, pois, segundo Hornstein (1989), o psiquismo é um sistema aberto, permitindo que o eu continue sempre realizando novas identificações. O autor aponta que “à medida que o eu vai se constituindo, vai incorporando qualidades e traços dos objetos” (Hornstein, 1989, p. 182). O autor, ao abordar a diversidade de investimentos libidinais presentes na vida adulta, destaca as relações de trabalho como cenário daquilo que pode se transformar em um fator de sustentação da autoestima. Tal afirmativa deriva-se da constatação de que a identificação com o objeto socialmente valorizado – no caso, o trabalho – permite que o eu se encha de valor ou, ainda, de desapontamento narcísico.

Tomando a constituição e valorização do eu sempre referida a algo que é externo e representado na relação com os outros, Coelho (2010) comenta o modo como as experiências com as pessoas em sociedade e as relações de trabalho têm o papel de reeditar o valor do narcisismo de cada um. A autora afirma que

o trabalho é produtor de sentido para o ser humano, e que só o é, porque coloca o sujeito em uma relação de reconhecimento mediada pelo que ele produz e pelas relações com os outros, as quais se presentificam no ato de trabalhar (p. 30).

Pode-se considerar, portanto, que o narcisismo no contexto laboral está relacionado à possibilidade do sujeito utilizar sua real competência e de encontrar o reconhecimento social através do seu trabalho. Nesse sentido, constata-se a importância do papel do trabalho na construção da imagem do si mesmo.

Narcisismo e sublimação: o valor do trabalho na atribuição de valor ao sujeito

Após a compreensão do destaque e da importância da vida laboral na economia psíquica, ou seja, no capital libidinal do sujeito, faz-se necessária uma descrição mais detalhada da forma como esse processo é realizado pelo eu. O trabalho, visto como alvo de investimentos libidinais, permite, ao mesmo tempo, o desenvolvimento do eu e da civilização. Os impedimentos da cultura à satisfação da pulsão sexual obrigam o sujeito a buscar essa satisfação em outras metas que vão ao encontro do que a cultura valoriza. Esse movimento permite que a civilização permaneça coesa em função da ausência de ameaças realizadas pela impostura da satisfação sexual.

Esta modalidade de deslocamento libidinal, tão importante para o desenvolvimento da civilização, permite a transformação da pulsão sexual em trabalho construtivo e criativo, processo denominado por Freud (1930/1996) como *sublimação*. Esse termo não será considerado aqui como um recurso defensivo, mas, sim, de acordo com Nasio (1997), como “a expressão positiva mais elaborada e socializada da pulsão” (p. 78). Anteriormente, em dois momentos, Freud (1905/1996, 1910/1996) já havia feito referências à compreensão da sublimação sob esse ângulo. No texto *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* de 1905, o autor afirma que

os historiadores da cultura parecem unânimes em supor que, mediante esse desvio das forças pulsionais sexuais das metas sexuais e por sua orientação para novas metas, num processo que merece o nome de sublimação, adquirem-se poderosos componentes para todas as realizações culturais (p. 167)

Em *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância*, Freud (1910/1996) também convoca à mesma compreensão, ao referir que

a observação da vida cotidiana das pessoas mostra-nos que a maioria conseguiu orientar uma boa parte das forças resultantes do instinto sexual para sua atividade profissional. O instinto sexual presta-se bem a isso, já que é dotado de uma capacidade de sublimação: isto é, tem a capacidade de substituir seu objetivo imediato por outros desprovidos de caráter sexual e que possam ser mais altamente valorizados (p. 86).

O autor mostra que a sublimação proporciona à pulsão um destino mais valorizado no imaginário social. No entanto, Hornstein (1990) e Nasio (1997) enfatizam a presença da sexualidade no processo sublimatório, ao afirmarem que o desenvolvimento da noção de sublimação na obra freudiana reflete uma tentativa de explicar as atividades humanas que, aparentemente, não se referem à pulsão sexual, mas que estão inevitavelmente apoiadas nela.

Isto significa que a procedência da energia pulsional a ser sublimada é sexual, mas o alvo não. Surge, então, um questionamento sobre o que define o destino da pulsão sexual submetida ao processo sublimatório. Hornstein (1990) destaca que, mediante sublimação, a nova finalidade da pulsão deve estar submetida à categoria de valor socialmente compartilhado, esclarecendo que essa condição é necessária, mas não suficiente, pois deve estar também em conformidade com as aspirações do eu.

Dessa forma, a importância da sublimação não se reduz a um conceito que especifica as atividades humanas sob uma modalidade de deslocamento que permite a criação do processo civilizatório. Castiel (2006) e Simões (2007) propõem uma leitura que relaciona o método sublimatório com a experiência de prazer, na medida em que o movimento da libido para o objeto de destino da sublimação oferece uma modalidade de satisfação pulsional exitosa contra os impedimentos da moral, sem a necessidade de recorrer ao recalçamento. Estando o objeto da sublimação revestido de um valor social, pode-se dizer que esse processo está intrinsecamente relacionado às aspirações narcisistas, pois é capaz de promover satisfação por meio de um movimento de deslocamento da libido para aquilo que, no exterior, é valorizado pelo eu.

Pode-se dizer, portanto, que o destino do processo sublimatório depende de um sujeito com uma história singular, uma vez que o valor que o eu confere a si mesmo, às suas atividades e, também, aos seus objetos é articulado com as pretensões do ideal de eu, produto dos ideais sociais interiorizados no eu. Dessa forma, o trabalho é produto da sublimação quando a satisfação pulsional torna-se aceitável para o ideal. Castiel (2006) afirma que “a sublimação teria relação com essa passagem do narcisismo à alteridade, onde a transformação do ego ideal em ideal de ego é imprescindível para que a pulsão possa ser satisfeita através da relação do sujeito com a cultura” (p. 95). Esse processo, de acordo com Hornstein (2008), eleva o sentimento de estima de si e proporciona às atividades que se constituem como objeto da pulsão um sentido de valor para a cultura e para o sujeito. Incluem-se aqui as atividades relacionadas à vida profissional que possam funcionar como meio de gratificação narcísica. Constata-se, a partir dessas considerações, que a capacidade psíquica para o trabalho advém de um deslocamento da energia libidinal por meio de um processo sublimatório definido a partir da significação que a atividade profissional possui para cada sujeito em particular e para a cultura na qual este sujeito está inserido. Nesse contexto, destaca-se o importante papel que a atividade de trabalho desempenha no compartilhamento de ideais coletivos.

As relações de trabalho na contemporaneidade

Diante da concepção de que sujeito e cultura estão em constante interação e de que a vida laboral pode localizar-se no espaço potencial entre o sujeito e o objeto, as importantes transformações socioculturais da contemporaneidade se refletem diretamente na saúde psíquica dos indivíduos. Assim, por meio do trabalho, a cultura é produtora de subjetividade e os sujeitos são produtores de cultura. Sobre os acontecimentos relativos à vida em sociedade, diversos autores (Bauman, 2001; Melman, 2003; Ehrenberg, 2004; Lebrun, 2004; Maia, 2005), a partir de diferentes aportes teóricos, apresentam uma leitura acerca da evolução cultural através de uma visão ampla, que contempla características essenciais da modernidade e da própria contemporaneidade. Os tempos atuais configuram-se no apelo à velocidade, à constante produção, ao contínuo consumismo (Bauman, 2001). Os objetivos a serem perseguidos pelo homem são frágeis e mudam com muita frequência. Atributos como interrupção, instantaneidade, incoerência e surpresa estão presentes no cotidiano do mundo contemporâneo. Como consequência, se fazem presentes laços de afeto frágeis e transitórios, atravessados por sentimentos hedonistas. Dessa forma, Bauman (2003) propõe que atualmente vive-se em uma *sociedade líquida*, na qual “nossas instituições, quadros de referência, estilos de vida, crenças e convicções mudam antes que tenham tempo de se solidificar em costumes, hábitos e verdades ‘auto-evidentes’” (p. 06). O autor propõe a metáfora dos líquidos para ilustrar a mobilidade, a fluidez e a constante renovação de estímulos próprias da sociedade atual.

Ehrenberg (2004) conceituou o *princípio da autonomia* como norma social do mundo contemporâneo. Numa sociedade autônoma, em que não há mais regras claras a seguir ou modelos padrões de comportamento, cada indivíduo decide tudo sozinho, segundo seus próprios valores e não mais de acordo com um valor socialmente compartilhado. Com essa autonomia cria-se, paradoxalmente, uma fantasia na qual os sujeitos devem ser autossuficientes, enfrentando de maneira individual qualquer contratempo que a vida apresente. Observam-se, ainda, a proposição de termos como *cultura do narcisismo*, de Lasch (1983), e *sociedade do espetáculo*, de Debord (1997), como atributos do contexto contemporâneo, os quais dão ênfase a aspectos como autocentramento e exterioridade. Nota-se que esses dois conceitos, aparentemente contraditórios, podem ser compreendidos de maneira complementar.

O autocentramento da *cultura do narcisismo*, valorizado e socialmente legitimado, refere-se, segundo Lasch (1983), a um excesso de cuidado com o próprio eu que se transforma em um objeto para ser admirado. A aparência e a faceta estética da subjetividade

definem o critério fundamental da existência. Dessa forma, Birman (2007) aponta que, “na cultura da estetização do eu, o sujeito vale pelo que parece ser, mediante as imagens produzidas para se apresentar na cena social” (p. 167). Essa apresentação tem o caráter de uma exibição, ou seja, o sujeito exibe uma performance na qual ele pode criar uma imagem de si mesmo a ponto de fazer-se parecer com o que julga ideal. Nesse sentido, pode construir-se aos olhos dos outros como alguém que acerta sempre e consegue tudo o que quer, não havendo espaço para frustrações, limites, dores e infelicidades. Eis aqui as particularidades da *sociedade do espetáculo*, tal como apresentada por Debord (1997) e manifestada no ideal da felicidade e das sensações, bem como na concepção da vida como entretenimento. Sendo assim, Birman (2007) considera que

pela estetização da existência e de inflação do eu, pode-se fazer a costura entre as interpretações de Debord e Lasch, já que a exigência de transformar os incertos percalços de uma vida em obra de arte evidencia o narcisismo que o indivíduo deve cultivar na sociedade do espetáculo (p. 188).

Sabe-se que à vida laboral são atribuídos sentidos associados aos valores culturais. É inegável que a atividade profissional proporciona, além do sustento financeiro, uma sustentação simbólica de cunho valorativo, constituindo-se como símbolo de autonomia, de integração e como um possível caminho em direção à ascensão social. Referindo-se à teoria marxista sobre o trabalho, Abraham (2000) aponta que esta esfera da vida humana propicia aos sujeitos a sensação de totalidade e completude. Júnior (2008) contribui com essas afirmativas definindo o que a economia capitalista apresenta como possibilidade: o domínio irrestrito do homem sobre o ambiente e sobre si mesmo. Segundo o autor, “esse homem é visto como um ser capaz de atingir níveis cada vez maiores de produtividade e qualidade, de aproveitar ilimitadamente as oportunidades que se apresentam para ele” (p. 103). Acredita-se que, com um pouco de esforço e espírito competitivo, o sujeito pode tudo obter. Sendo assim, dentro da perspectiva capitalista contemporânea que prima pela constante produção e apregoa ao trabalho aspectos de poder e potência, para que o homem seja socialmente valorizado não basta que ele esteja trabalhando. Além de sua inserção no mercado de trabalho, o sujeito contemporâneo também precisa atender a uma exigência de performance produtiva na esfera da atividade profissional.

Na contemporaneidade, tal como enuncia Bauman (2001), a busca pelo progresso tornou-se uma busca individualizada, visto que a ideia do interesse comum perdeu seu valor. Diante de uma cultura que apaga as diferenças, que prima pelo individualismo, que se traduz pela desvalorização do amor e pelo enfraquecimento dos laços humanos, o trabalho, até então

localizado no campo da alteridade e das relações intersubjetivas, adquire uma significação estética. O autor propõe que a esfera da atividade laboral “não pode mais oferecer o eixo seguro em torno do qual envolver e fixar autodefinições, identidades e projetos de vida” (p. 160). Dessa forma, a vida no trabalho está impregnada de incertezas e o homem contemporâneo responde à impostura do imediatismo com alta flexibilidade e com planos em curto prazo. A partir desta leitura sociológica, percebe-se a íntima relação das alterações nas relações de trabalho contemporâneas com a conceituação psicanalítica do narcisismo e dos ideais.

A autoestima é, segundo Hornstein (2008), sustentada pela trama social. Nesse sentido, poder e êxito como valores associados aos ideais contemporâneos são exigências narcísicas, quando se faz referência ao mundo do trabalho. Nessa direção, Lasch (1990) contribui ao afirmar a necessidade de um *eu mínimo* para reagir adequadamente a uma cultura que estimula o narcisismo. O autor considera que o colapso dos valores tradicionais e a emergência de uma nova ética de autogratificação, caracterizada pela constante tentativa de restaurar as ilusões narcísicas de controle absoluto sobre o mundo externo, configuram uma crise própria dos tempos contemporâneos.

Ao se referir ao homem contemporâneo no contexto da vida laboral, Ferraz (1998) identifica uma dificuldade na capacidade de sublimação que acarreta uma “insatisfação reinante no domínio do trabalho, que não permite ao homem desenvolver suas aptidões e, portanto, desenvolver-se enquanto ser humano” (p.166-167). Essa dificuldade está provavelmente relacionada à baixa tolerância contemporânea ao que não está inscrito em uma lógica de gozo absoluto, como aponta Melman (2003), ao considerar que a cultura contemporânea questiona constantemente se a presença do sujeito no enredo das relações sociais é válida ou não. O autor afirma que essa presença “só poderia ser verificada enquanto se é capaz de altas performances, quer dizer, enquanto a participação no jogo social ou na atividade econômica se encontra efetivamente reconhecida” (p. 40). Isto significa que o trabalhador precisa provar a cada dia que merece esse reconhecimento e que está de acordo com o ideal narcísico frente às demandas de inserção social. Não há espaço para frustrações e não se cogita a possibilidade de não corresponder a esta exigência de completude. Assim, a esfera do trabalho se transforma em mais um cenário no qual o sujeito deve mostrar ao mundo sua indiscutível capacidade de produzir.

O trabalho é considerado por Jerusalinsky (2000) como uma importante instância criadora de valor subjetivo. O autor afirma que, nesse sentido, o rompimento com essa instância, seja por condições precárias do ambiente de trabalho, instabilidade, afastamento,

desemprego, aposentadoria ou qualquer modificação nos vínculos com o trabalho, torna o seu valor fálico passível de contestação. Se o trabalho é algo que dá ao homem uma garantia de valor, nas situações em que o sujeito é incapaz de alcançar o reconhecimento social através da sua atividade profissional ele não encontra um lugar em que possa se fazer valer.

As consequências psíquicas dessas vivências dizem respeito a alterações no sentimento de si. Jerusalinsky (2000) menciona que os rompimentos realizados nos sistemas representativos da subjetividade podem ser causa de sofrimento psíquico e ter efeitos psicopatológicos que contemplem tema de queixa na busca de análise. Na medida em que a cultura anuncia valores contemporâneos como exibicionismo, transitoriedade e autocentramento, percebe-se o aumento de vivências conflitantes com a vida laboral na qualidade de produtora de um viver construtivo e criativo, bem como com as relações humanas no ambiente de trabalho. Quando o sujeito percebe algum tipo de falha na capacidade de destinar investimentos psíquicos ao mundo do trabalho, a impossibilidade do reconhecimento de valor cultural pode ser compreendida como uma vivência de crise neste sistema de representação psíquica. Sendo assim, é evidente que, para os sujeitos cuja função social está inevitavelmente atrelada ao trabalho, qualquer dificuldade de satisfação no âmbito da vida laboral vai exigir um processo de singular ressignificação de sua identidade.

Considerações finais

A partir das reflexões pautadas na literatura sobre a temática abordada nesta seção teórica, percebe-se que a vida laboral ocupa uma posição de destaque na existência humana não apenas como constatação do senso comum (Enriquez, 1999). O trabalho, como aponta Herédia (1999), constitui-se como uma atividade que produz marcas humanas na materialidade histórica. A importância fundamental do trabalho para o psiquismo, em sua concepção econômica e dinâmica, foi detalhadamente explorada por meio da contribuição freudiana a respeito do capital libidinal do sujeito e da capacidade de investir energia pulsional na atividade de trabalho e nas relações interpessoais decorrentes dele.

O papel desempenhado pela vida laboral na construção da subjetividade humana revela a influência das determinações socioculturais na inter-relação do homem com o meio no qual habita. O trabalho configura-se, então, como veículo de transformação da natureza e, ao mesmo tempo, situa a humanidade em uma posição ativa na construção da sua própria história (Ruffino, 2000). A atividade profissional, compreendida como uma experiência da cultura e situada, conforme a teoria winnicottiana, em um *espaço potencial* intermediário entre a realidade psíquica e a realidade material, possibilita a compreensão do *princípio do*

prazer e do *princípio da realidade* no funcionamento psíquico. Assim como o brincar, o trabalho mistura fantasia e realidade, permitindo o entendimento do cotidiano pela via da criação simbólica.

Com o auxílio da teorização freudiana a respeito do narcisismo e do desenvolvimento libidinal, estruturou-se uma linha de pensamento a respeito do trabalho como objeto de investimento pulsional. Os subsídios teóricos de psicanalistas contemporâneos à Freud contribuem para apreender como a capacidade psíquica para o amor e para o trabalho contempla a vida adulta de forma integral. Foi possível constatar, a partir do desenvolvimento teórico de Hornstein (1989, 2003, 2008) sobre o *narcisismo trófico*, que a vida laboral, além de permitir o bem-estar físico e a proteção da vida, ocupa um lugar privilegiado de expressão dos investimentos psíquicos. Dessa forma, o trabalho alimenta as condições de autoestima e possibilita o equilíbrio pulsional tão necessário à manutenção da saúde psíquica.

Sendo assim, as relações de trabalho têm importante papel na atribuição de valor narcísico e nas condições de exercício dos recursos sublimatórios. A sublimação, um conceito mencionado muitas vezes na produção freudiana, mostra sua complexidade e abrangência nas diversas modalidades de retomada desse conceito por parte de outros autores. Os deslocamentos sublimatórios referem-se ao movimento de componentes da pulsão sexual em direção a metas não sexuais elevadas à qualidade de valor pela cultura e pelo sujeito. Dessa forma, pode-se demonstrar que a sublimação está intimamente relacionada ao ideal do eu enquanto regulador da autoestima e, portanto à singularidade do sujeito.

Diante de uma cultura como a atual, onde há exigência de uma *performance* no cenário laborativo que prime pela constante produção, atribuindo ao trabalho condições de poder, potência e êxito, questiona-se a respeito das manifestações subjetivas no âmbito da vida laboral. Nesse contexto, esta seção teórica não pretende esgotar as amplas possibilidades de abordar os enlaces do trabalho com aspectos psíquicos, tanto no que diz respeito à saúde quanto ao padecimento. Reduzir a complexidade desse fenômeno seria andar na contramão do projeto psicanalítico de abertura do psiquismo e da própria teoria que tem em sua essência o valor atribuído ao que é singular e complexo na natureza humana. Abordar e buscar compreender a singularidade das marcas produzidas pelo sujeito no trabalho e pelo trabalho no sujeito visa explicitar esse dinamismo e ampliar o olhar para um fenômeno cotidiano, mas fundamental no que diz respeito à saúde psíquica. Assim, explorar a temática da atividade laboral, desde sua interação com os fatores emocionais e sociais, garante o destaque à ação e aos efeitos de um importante elemento da cultura na construção da história do si mesmo.

Referências

- Abraham, T. (2000). Estética da existência e pós-capitalismo. In: APPOA (Associação Psicanalítica de Porto Alegre), *O valor simbólico do trabalho e o sujeito contemporâneo* (pp. 13-20). Porto Alegre: Artes e Ofícios.
- Arantes, M.A.A.C. (1998). Vida e morte no trabalho. In: R.M. Volich, F.C. Ferraz & M.A.A.C. Arantes (Orgs.), *Psicossoma II: Psicossomática Psicanalítica* (pp. 155-162). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Bauman, Z. (2001). *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Bauman, Z. (2003, 19 out). A sociedade líquida. Caderno Mais, *Folha de São Paulo*, 5-9.
- Birman, J. (2007). *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação* (6ª ed.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Camerini, M.S. (2000). Criança em oficina: da licença poética às cicatrizes do texto. In: APPOA (Associação Psicanalítica de Porto Alegre), *O valor simbólico do trabalho e o sujeito contemporâneo* (pp. 145-150). Porto Alegre: Artes e Ofícios.
- Castiel, S. V. (2006). Implicações metapsicológicas e clínicas da conceituação da sublimação na obra de Freud. In: *Revista PSICO*, 37(1), 91-97.
- Codo, W.; Soratto, L. & Menezes, I. V. (2004). Saúde mental e trabalho. In: J. C. Zanelli., J. E. Borges-Andrade, & A. V. B. Bastos (Orgs.), *Psicologia, organizações e trabalho no Brasil*. Porto Alegre: Artmed.
- Coelho, R. (2010). A psicanálise nas organizações: seus fundamentos, seus desafios. In: *Correio da APPOA*, 188, 27-36.
- Costa, A.M.M. (2000). Deslocamentos das referências: o trabalho do apelo. In: APPOA (Associação Psicanalítica de Porto Alegre), *O valor simbólico do trabalho e o sujeito contemporâneo* (pp. 151-156). Porto Alegre: Artes e Ofícios.
- Debord, G. (1997). *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto.
- Dejours, C. (1993). *Psicodinâmica do trabalho*, contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho. São Paulo: Atlas.
- Dockhorn, C. N. B. F. & Macedo, M. M. K. (2008). A complexidade dos tempos atuais: reflexões psicanalíticas. In: *Revista Psicologia Argumento*, 54(26), 217-224.

- Ehrenberg, A. (2004). Depressão, doença da autonomia? *Revista Ágora*, 7(1), 143-153.
- Enriquez, E. (1999). Perda do trabalho, perda da identidade. In: M.R. Nabuco & A.C. Neto (Orgs.), *Relações de trabalho contemporâneas* (pp. 69-83). Belo Horizonte: IRT (Instituto de Relações do Trabalho) da PUC Minas.
- Ferraz, F.C. (1998). O mal-estar no trabalho. In: R.M. Volich, F.C. Ferraz & M.A.A.C. Arantes (Orgs.), *Psicossoma II: Psicossomática Psicanalítica*, (pp. 163-173). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Franco, S.G. (2003). O brincar e a experiência analítica. In: *Ágora*, 6(1), 45-59.
- Freud, S. (1905/1996). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: J. Strachey (Ed. & Trad.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 7, pp. 117-229). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1910/1996). Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância. In: J. Strachey (Ed. & Trad.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 11, pp. 67-141). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1911/2004). Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico. In: L.A. Hanns (Ed. & Trad.), *Obras Psicológicas de Sigmund Freud – Escritos sobre a psicologia do inconsciente* (Vol. 1, pp. 63-77). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1914/2004). À Guisa de Introdução ao Narcisismo. In: L. A. Hanns (Ed. & Trad.), *Obras Psicológicas de Sigmund Freud – Escritos sobre a psicologia do inconsciente* (Vol. 1, pp. 95-131). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1920/1996). Além do princípio do prazer. In: J. Strachey (Ed. & Trad.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 18, pp. 11-75). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1930/1996). O mal-estar na civilização. In: J. Strachey (Ed. & Trad.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 21, pp. 65-148). Rio de Janeiro: Imago.
- Garcia-Roza, L. A. (1995). *Introdução à metapsicologia freudiana 3 - Artigos de metapsicologia, 1917-1917*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Herédia, V. B. M. (1999). O trabalho na sociedade contemporânea. In: *Correio da APPOA*, 69, 25-30.

- Hornstein, L. (1989). *Introdução à psicanálise*. São Paulo: Editora Escuta.
- Hornstein, L. (1990). *Cura psicanalítica e sublimação*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Hornstein, L. (2003). Amor sin fronteras. In: H. Lerner (Comp.), *Psicoanálisis: cambios y permanencias*, (pp. 69-83). Buenos Aires: Libros de Zorzal.
- Hornstein, L. (2008). *As depressões: afetos e humores do viver*. São Paulo: Via Lettera: Centro de Estudos Psicanalíticos.
- Jerusalinsky, A. (2000). Prefácio. In: APPOA (Associação Psicanalítica de Porto Alegre), *O valor simbólico do trabalho e o sujeito contemporâneo* (pp. 09-10). Porto Alegre: Artes e Ofícios.
- Júnior, L. E. G. (2008). As relações de trabalho contemporâneas e a perversão. In: *Revista Reverso*, 30(56), 103-110.
- Laner, A. S. (2005). *Psicologia e trabalho na história: da apropriação do tempo à busca da felicidade*. Ijuí: Ed. Unijuí.
- Laplanche, J. & Pontalis, J.B. (2001). *Vocabulário da psicanálise* (4ª ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Lasch, C. (1983). *A cultura do narcisismo*. Rio de Janeiro: Imago.
- Lasch, C. (1990). *O mínimo eu: sobrevivência psíquica em tempos difíceis* (5ª ed.). São Paulo: Editora Brasiliense.
- Lebrun, J. P. (2004). *Um mundo sem limite: ensaio para uma clínica psicanalítica do social*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Maia, M. (2005). *Extremos da alma: dor e trauma na atualidade da clínica psicanalítica* (2ª ed.). Rio de Janeiro: Garamond.
- Melman, C. (2003). *O homem sem gravidade: gozar a qualquer preço*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Nasio, J. D. (1997). *Lições sobre os 7 conceitos cruciais da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Ruffino, R. (2000). Do trabalho psíquico ao trabalho social. In: APPOA (Associação Psicanalítica de Porto Alegre), *O valor simbólico do trabalho e o sujeito contemporâneo* (pp. 178-204). Porto Alegre: Artes e Ofícios.

Simões, R. B. F. (2007). As vicissitudes do amor: narcisismo e sublimação. In: *Psicologia para América Latina*, 9, 0-0.

Winnicott, D.W. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.

SEÇÃO EMPÍRICA

A PASSAGEM PARA A RESERVA: UMA COMPLEXA TRAVESSIA DO SI MESMO

Introdução

O caráter central do trabalho para a vida humana está inserido na lógica capitalista em que se vive atualmente, visto que a atividade profissional parece estar incluída nos requisitos para a participação do homem nos processos produtivos de uma sociedade. Percebem-se, na atualidade, fortes resquícios de uma imposição cultural e social atribuída ao homem, no sentido de crescente exigência de uma constante produção como sendo própria de uma posição masculina no campo da virilidade. Tais demandas se estendem, também, ao contexto do trabalho. Na medida em que os valores atribuídos pela cultura contemporânea ocidental à vida laboral configuram-se na manutenção de aspectos de poder e potência como elementos relevantes no processo de construção da identidade masculina, a valorização social do trabalho leva a uma valorização do sujeito pelo trabalho que executa.

Uma vivência individual e singular, como é o caso da experiência de aposentadoria, encontra-se, inevitavelmente, atrelada à construção social de significados e aos valores da cultura na qual o sujeito está inserido. Sendo assim, a tentativa de compreender a experiência de aposentadoria masculina convoca a uma discussão a respeito das complexas relações homem-trabalho no contexto contemporâneo. O rompimento dessas relações diante do afastamento do mundo do trabalho vem acompanhado de alterações na rotina diária e no vínculo com o sistema social. No entanto, diante do papel exercido pelo trabalho na constituição da identidade, o homem aposentado encontra-se, também, diante da inevitável exigência de enfrentamento de demandas psíquicas.

O ato de aposentar-se, compreendido a partir do encerramento de investimentos psíquicos no âmbito da vida laboral, configura-se como uma vivência impactante. Para o sujeito que trabalhou a maior parte da vida, estar aposentado pode situá-lo em vias de contramão de um projeto social de homem trabalhador e viril (Soares, Costa, Rosa & Oliveira, 2007). Nesse contexto, Enriquez (1999), ao considerar o trabalho como um elemento constitutivo do ser humano, nomeia qualquer tipo de perda de trabalho como uma ferida identitária.

A maioria dos estudos que trata da temática da aposentadoria relaciona este momento da vida do homem à grande preocupação com o processo de envelhecimento (Amarilho, 2005; Both & Carlos, 2005; Carlos, Jacques, Larratea & Heredia, 1999; França & Soares, 2009; Soares, et al., 2007). Além disso, o processo de aposentadoria constitui-se em um assunto de interesse estratégico no cotidiano organizacional, na medida em que o período pré-aposentadoria mostra-se como um momento de baixa produtividade na vida do trabalhador (Muniz, 1996; Vries, 2003). Nota-se, ainda, a presença de produção bibliográfica

sobre a aposentadoria a partir de uma leitura psicológica do ponto de vista da Orientação Profissional, enfatizando aspectos a respeito da escolha profissional e da possibilidade de uma nova escolha no momento pós-aposentadoria (Costa & Soares, 2009; Rodrigues, Ayabe, Lunardelli & Canêo, 2005; Soares & Bogoni, 2008).

O impacto subjetivo do rompimento com o papel profissional pode ser constatado em uma variedade de classes trabalhistas (Graeff, 2002; Santos, 1990). Entretanto, a maneira particular pela qual um sujeito experencia sua aposentadoria associa-se às relações de trabalho que foram estabelecidas ao longo da vida, bem como às especificidades do contexto no qual este sujeito está inserido. O interesse pela exploração da temática da aposentadoria no âmbito militar surge em função do destaque apresentado por Barisch (2006) às peculiaridades deste contexto, tanto no que se refere ao serviço militar, quanto aos singulares sentidos atrelados à ruptura com o trabalho e com a instituição militar.

A própria nomeação da aposentadoria no contexto militar já carrega uma série de significados: o ato de aposentar-se é denominado *passagem para a reserva*. Na reserva, por sua vez, os militares passam a ser chamados de *inativos*. As características próprias do serviço militar também se encontram revestidas de muitas particularidades, principalmente em função do seu objetivo fundamental: a atividade bélica. Barisch (2006) mostra que, no decorrer da sua carreira, o militar vivencia situações de risco com frequência e deve estar sempre em estado de prontidão, caso seja convocado para a execução do seu trabalho. De acordo com o autor, o exercício do militarismo, enquanto o sujeito está na ativa, impõe o comprometimento da própria vida a serviço da pátria e para o bem da nação.

Um entendimento acerca das singularidades do trabalho militar auxilia a compreensão do quanto a passagem para a reserva se diferencia da aposentadoria nas outras atividades laborais. No caso dos militares, o sujeito se aposenta do exercício de uma função, pois a reserva não necessariamente encontra-se atrelada ao envelhecer ou à perda financeira. Como o risco de demissão é praticamente nulo, visto que o ingresso nas Forças Armadas ocorre, para os militares de carreira, mediante concurso público, a passagem para a reserva se dá por tempo de serviço. No caso da aposentadoria compulsória, a determinação de que a vida na ativa chegou ao fim varia em relação à idade, de acordo com posto ou graduação do militar (Barisch, 2006). A intensidade do vínculo estabelecido com a instituição, segundo Barisch (2006), configura-se como a principal característica que dificulta a saída do militar do serviço ativo em direção à vida na inatividade.

Nessa perspectiva, uma compreensão psicanalítica a respeito das consequências psíquicas da vivência de aposentadoria masculina, mais especificamente no contexto militar,

constitui-se como o objetivo central desta seção empírica. A Psicanálise apresenta-se como uma ferramenta teórica valiosa na tentativa de investigar a dinâmica da situação acima descrita, pois, havendo a ocorrência de um fenômeno humano que mobiliza importantes aspectos emocionais, existe a necessidade de refletir sobre a influência de fatores que escapam ao domínio da consciência e que são responsáveis pela complexidade e singularidade das experiências humanas. Assim, trata-se da constatação de que, inevitavelmente, na experiência de aposentadoria entrarão em cena aspectos inconscientes que constam também das modalidades de investimentos pulsionais de um sujeito e de seu percurso identificatório.

A história da Psicanálise mostra que o estudo da histeria foi o princípio de uma ampliação da leitura a respeito do homem, não apenas no que diz respeito ao padecimento, mas também aos acontecimentos da vida cotidiana. Os construtos teóricos da Psicanálise abrem a possibilidade de questionar, refletir, analisar e compreender a relação do homem com o meio no qual ele habita em qualquer época. Nesse contexto, acredita-se que a complexidade e a singularidade da vida profissional e da passagem para a reserva militar podem ser devidamente exploradas a partir do uso de aportes psicanalíticos.

Método

A coleta dos dados foi realizada em uma organização militar da Força Aérea Brasileira. Inicialmente foram coletados dados sociodemográficos de militares do sexo masculino aposentados por tempo de serviço no ano de 2008, em um setor específico da instituição, o SERINT-5 (Serviço Regional de Intendência-5). Esse serviço é responsável pelo arquivo e controle dos dados referentes ao pessoal que compõe a parcela de inativos e reservistas do âmbito da Guarnição Aeronáutica de Porto Alegre, integrante do V COMAR (V Comando Aéreo Regional).

Por meio da consulta a documentos disponíveis no local, foi possível obter o levantamento de dados referentes a 71 militares. Considerando essa população, constituiu-se uma amostra por conveniência de 13 possíveis participantes no estudo. Após aprovação do Projeto de Pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Anexo A), foi enviada uma carta (Anexo B) à residência desses indivíduos, explicando os objetivos da pesquisa e convidando-os a participar da mesma. Posteriormente, foi realizado um contato telefônico a fim de verificar a disponibilidade de sua efetiva participação. Após o aceite, houve a marcação de data e horário para a realização de uma entrevista.

Depois da assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido/TCLE (Anexo C), realizou-se uma entrevista semiestruturada, com questões abertas, composta pelos seguintes eixos temáticos: (1) o papel social, econômico e psíquico desempenhado pelo trabalho na vida do homem, na visão do participante; (2) significados atribuídos pelo participante ao trabalho e à decorrente aposentadoria, de forma mais geral; (3) significados atribuídos à sua experiência profissional; (4) forma como o participante vivenciou o rompimento com o seu papel profissional formal, decorrente da situação de sua aposentadoria; (5) sentimentos advindos desse processo de ruptura; e (6) aspectos que o participante considera como facilitadores e/ou restritivos atribuídos à vivência da aposentadoria. As entrevistas foram gravadas em áudio, após a devida autorização do participante, e posteriormente transcritas. O encerramento da coleta dos dados deu-se no momento em que o conteúdo das informações tornou-se repetitivo, sendo improvável a construção de novas compreensões a respeito do fenômeno, de acordo com o critério de exaustão/saturação proposto por Bodgan e Biklen (1994).

O desmembramento do texto da transcrição das entrevistas em unidades e o posterior reagrupamento em categorias foram realizados conforme a técnica de Análise de Conteúdo de Bardin (1991). A releitura desse método por Moraes (1999) propõe cinco etapas:

(1) Preparação – Consiste em preparar as informações, identificando o que será analisado, a partir de uma leitura de todo o conteúdo decorrente da coleta. Dá-se início, então, ao processo de codificação dos dados, no qual há o estabelecimento de um código que permita identificar, de maneira rápida e fácil, cada elemento da amostra, a fim de torná-lo representativo e adequado aos objetivos da pesquisa.

(2) Unitarização – O objetivo desta etapa é, a partir dos dados brutos, propiciar a definição de elementos unitários de conteúdo que são chamados de unidades de significado. Posteriormente essas unidades são classificadas e isoladas para embasarem outras unidades mais amplas, denominadas unidades de contexto. A unitarização é realizada após uma análise cuidadosa do material e depende diretamente da natureza do problema, dos objetivos do estudo e do tipo de material a ser analisado.

(3) Categorização – É a fase em que ocorrem a codificação e o agrupamento das unidades de análise em categorias que devem ser válidas e significativas. A categorização é realizada em três níveis e produz categorias iniciais, intermediárias e finais. Esse procedimento se dá de acordo com critérios de semelhança ou analogia e requer uma capacidade de síntese por parte do pesquisador.

(4) Descrição – Refere-se ao tratamento dos dados, ou seja, há aqui um processo de significação das unidades de análise que já foram agrupadas em categorias. Consiste, portanto, na comunicação do resultado do trabalho de definição e identificação do material, através de um texto síntese.

(5) Interpretação – Na última etapa é proposto que se alcance um entendimento mais aprofundado do conteúdo manifesto e latente dos textos por meio de recursos como a inferência e a interpretação. Essa compreensão deve ser realizada à luz dos pressupostos teóricos que fundamentam o estudo.

Valorizou-se, nesta pesquisa, a experiência humana em sua singularidade e em função de suas motivações inconscientes. Nesse sentido, a interpretação dos dados foi realizada com o embasamento da teoria psicanalítica, a qual, segundo Dockhorn e Macedo (2008), continua vigente e eficiente como instrumento de reflexão, compreensão e indagação a respeito dos modos de vida do homem experienciados em sua complexidade no mundo contemporâneo.

Resultados e Discussão

A população, formada por 71 militares, é caracterizada por meio dos seguintes índices: o grupo foi composto por 22,5% de oficiais (ocupam cargos gerenciais de chefia e liderança), e 77,5% de graduados (ficam encarregados de executar as determinações dos oficiais, na ocupação de cargos técnicos). A idade média foi de 49,4 anos, e o tempo médio de serviço efetuado foi de 31,7 anos. Em relação ao estado civil, constam as seguintes informações: 78,26% mantinham casamento ou união estável; 17,39% eram divorciados; e 4,35% eram solteiros. A parcela da amostra que optou por retornar ao exercício de suas funções após a reserva, processo denominado como Tarefa por Tempo Certo, foi de 5,63%. A modalidade de retorno ao trabalho na mesma instituição, nomeada de Tarefa por Tempo Certo, consiste na prestação de serviço mediante convite, convocação ou a pedido do próprio militar, com uma data determinada para se encerrar. Nesses casos, o militar já se encontra na reserva, não pode usar a farda e recebe uma gratificação financeira adicionada ao salário.

Considerando a população de 71 sujeitos, constituiu-se uma amostra por conveniência composta de 13 militares. Optou-se por não incluir como participantes aqueles que já haviam voltado ao trabalho por meio da Tarefa por Tempo Certo. Esse retorno foi utilizado como critério de exclusão. Os dados sociodemográficos que caracterizam os participantes deste estudo podem ser observados na Tabela 1:

Tabela 1. Sumarização dos dados dos participantes obtidos na entrevista

Participante	Idade	Est. Civil	Posto/Graduação⁴	Data da Reserva	Tempo de Serviço⁵
1	49 anos	Casado	Sargento	01/10/2008	31 anos
2	54 anos	Casado	Capitão	24/11/2008	34 anos
3	49 anos	Casado	Capitão	18/01/2008	39 anos
4	52 anos	Casado	Coronel	21/01/2008	37 anos
5	50 anos	União Estável	Suboficial	08/07/2008	32 anos
6	46 anos	Divorciado	Suboficial	04/08/2008	30 anos
7	49 anos	Casado	Suboficial	23/12/2008	31 anos
8	48 anos	Casado	Sargento	05/12/2008	31 anos
9	49 anos	Divorciado	Coronel	28/03/2008	30 anos
10	48 anos	Casado	Sargento	07/02/2008	30 anos
11	48 anos	Casado	Coronel	05/03/2008	33 anos
12	49 anos	Solteiro	Capitão	16/07/2008	34 anos
13	49 anos	Divorciado	Sargento	14/07/2008	32 anos

O grupo de participantes foi composto por sete graduados (quatro sargentos e três suboficiais) e seis oficiais (três capitães e três coronéis). O número de graduados entrevistados foi maior em função de a população ser formada por mais sargentos e suboficiais. Dos participantes do estudo, nove eram casados ou mantinham união estável, três eram divorciados e um era solteiro. A idade média dos entrevistados foi de 49,2 anos, sendo a média de tempo de serviço de 32,6 anos.

O material decorrente da transcrição das 13 entrevistas permitiu a identificação de unidades de significado, as quais foram codificadas em categorias de respostas e ordenadas em categorias iniciais. Estas, por sua vez, depois de agrupadas, formaram as categorias intermediárias que, por último, foram conjugadas em três categorias finais (Quadro 1). A descrição de cada categoria final conta com a reprodução fiel de algumas verbalizações dos participantes entrevistados, a fim de propiciar rigor e legitimidade às categorias.

⁴ A hierarquia militar da Aeronáutica corresponde à seguinte ordem crescente: soldado, cabo, sargento, suboficial, tenente, capitão, major, tenente-coronel, coronel e brigadeiro.

⁵ Na contagem do tempo de serviço para os militares podem ser computados outros acréscimos além dos anos de efetivo serviço.

Quadro 1. Categorização Inicial, Intermediária e Final dos dados obtidos nas entrevistas com os participantes do estudo

Categorias Iniciais	Categorias Intermediárias	Categorias Finais
Trabalho possibilitando satisfação pessoal	Trabalho como alicerce de projetos pessoais, profissionais e sociais	O trabalho e a vida militar: singulares enlaces entre narcisismo e ideais
Trabalho proporcionando melhores oportunidades na vida		
Trabalho proporcionando sustento e estabilidade para a família		
Trabalho promovendo amadurecimento		
Trabalhar = estar vivo		
Trabalho proporcionando crescimento profissional		
Trabalho oportunizando convívio com as pessoas e inserção social		
Opção por seguir carreira associada ao gosto pela vida militar	A vida militar: impactos e peculiaridades do trabalho	
Vida militar como opção para famílias humildes e com poucas condições de investir no estudo dos filhos		
Exigência de presença no trabalho provocando afastamento em relação à família		
Transferências durante a ativa causando o distanciamento da família		
Profissão militar = socialmente valorizada		
Camaradagem militar e solidariedade no ambiente de trabalho como valores importantes de identificação com o trabalho		
Estatuto militar servindo como regulador de condutas pessoais		
Os interesses da instituição se sobrepõem aos interesses pessoais do militar		
A progressão na carreira independe da competência profissional		
Características da vida militar fortalecem o vínculo com a instituição		
Trabalhar com o que gosta = experiência de prazer	Diferentes matizes das vivências laborais regulando o valor narcísico	
Viver o trabalho com garra, gerando satisfação		
Desejo de fazer o melhor, pelo valor atribuído ao trabalho		
Dificuldades como incentivo para buscar soluções		
Envolvimento com o trabalho como condição de bem-estar		
Êxito no trabalho associado à sensação de não ser substituível		
Atribuições de confiança e responsabilidade dando mais valor ao trabalho feito		
Padrão próprio de competência no trabalho como modelo para os filhos		
Falta de reconhecimento pelo trabalho realizado diminui a autoestima		
Avaliação do que não alcançou na vida inclui frustração com o não feito no trabalho		
Frustração por não corresponder às expectativas leva à busca por compensações diversas	Sentimentos frente a passagem para a reserva	
Reserva = momento de desfrutar/satisfação		
Reserva = liberdade/alívio		
Reserva = premiação		
Sensação de "missão cumprida" diante da passagem para a reserva		
Estar na reserva jovem, gerando sentimento de culpa		
Passagem para a reserva gerando sentimentos de insegurança		
Reserva gerando sentimentos de vazio		
Passagem para a reserva provocando preocupação sobre a saída do trabalho para ficar em casa		
Passagem para a reserva despertando a necessidade de se sentir útil		
Passagem para a reserva despertando preocupação sobre ser esquecido	Demandas psíquicas frente ao rompimento com a atividade de trabalho	

Categorias Iniciais	Categorias Intermediárias	Categorias Finais
Vínculos fora do ambiente de trabalho facilitando a reserva	Diversidade de investimentos psíquicos como aspecto facilitador da passagem para a reserva	Demandas psíquicas frente ao rompimento com a atividade de trabalho
Atividade profissional fora do âmbito militar durante a ativa facilitando a reserva		
Boas relações familiares facilitando a passagem para a reserva		
Continuar trabalhando após a passagem para a reserva		
Na reserva, o vínculo com a instituição continua		
Relatos sobre colegas que sofreram de depressão na reserva	O uso de certa impessoalidade como facilitador da exposição de temáticas conflituosas associadas à passagem para a reserva	
Constatação de colegas que passaram a fazer uso de bebidas alcoólicas depois que foram para a reserva		
Percepção sobre colegas que se suicidaram na reserva		
Associação da passagem para a reserva com a temática da ansiedade		
Associação da reserva com isolamento		
Associação da reserva com a morte	Busca de atribuição de sentido frente à passagem para a reserva	
Reserva representando rompimento repentino com a vida no quartel		
Passagem para a reserva provocando alterações no convívio social		
Passagem para a reserva encarada como processo natural diminui sensação de crise		
Reserva compreendida como uma resistência à qual é necessário se adaptar		
Constatação de que também ocorre com os outros diminui a frustração		
Associação da reserva com "pegar outra etapa" alivia frustrações		
Possibilidade de racionalizar proporciona aceitação para o que não pode mudar		
Preparação/planejamento prévios facilitando a passagem para a reserva		
Decisão pela reserva por discordância com os superiores hierárquicos		
Decisão pela reserva pela falta de reconhecimento		
Decisão pela reserva pelo fim da possibilidade de progressão na carreira		
Decisão pela reserva antes de ser mandado embora pelo sistema		
Referências ao modo de ser na vida, ao relatar atividades do trabalho	Fronteiras invisíveis entre vida pessoal e vida militar	O recurso de escuta na pesquisa desvelando a reserva do sujeito
Necessidade de compartilhar conflitos vividos durante o trabalho na ativa		
Reflexões pessoais sobre frustrações da carreira		
Desabafo sobre o descontentamento com a instituição		
Apreensão com dificuldades pessoais/familiares		
Angústia frente a dificuldades na relação conjugal		
Questionamentos acerca da criação dos filhos		
Inquietação com a finitude da vida		
Dificuldade em ver os outros fazendo o seu trabalho	Tons do devir: a reserva possibilitando o processo de historização e ressignificação da história pessoal	
Desejo/necessidade de preservar a identidade militar após a passagem para a reserva		
Reserva causando alteração nos papéis sociais e privados		
Passagem para a reserva causando sentimento de apreensão e preocupação nas esposas		
Passagem para a reserva possibilitando um maior envolvimento com a família		
Surge a necessidade de aproveitar o tempo de vida		
A forma como a pessoa encara a passagem para a reserva depende da forma como ela encarou a vida de trabalho		

A primeira categoria final foi nomeada *O trabalho e a vida militar: singulares enlaces entre narcisismo e ideais*, e derivou das categorias iniciais e intermediárias, conforme quadro abaixo:

Quadro 2. Dados referentes à Categoria Final 1

Categorias Iniciais	Categorias Intermediárias	Categorias Finais
Trabalho possibilitando satisfação pessoal	Trabalho como alicerce de projetos pessoais, profissionais e sociais	O trabalho e a vida militar: singulares enlaces entre narcisismo e ideais
Trabalho proporcionando melhores oportunidades na vida		
Trabalho proporcionando sustento e estabilidade para a família		
Trabalho promovendo amadurecimento		
Trabalhar = estar vivo		
Trabalho proporcionando crescimento profissional		
Trabalho oportunizando convívio com as pessoas e inserção social		
Opção por seguir carreira associada ao gosto pela vida militar	A vida militar: impactos e peculiaridades do trabalho	
Vida militar como opção para famílias humildes e com poucas condições de investir no estudo dos filhos		
Exigência de presença no trabalho provocando afastamento em relação à família		
Transferências durante a ativa causando o distanciamento da família		
Profissão militar = socialmente valorizada		
Camaradagem militar e solidariedade no ambiente de trabalho como valores importantes de identificação com o trabalho		
Estatuto militar servindo como regulador de condutas pessoais		
Os interesses da instituição se sobrepõem aos interesses pessoais do militar		
A progressão na carreira independe da competência profissional		
Características da vida militar fortalecem o vínculo com a instituição		
Trabalhar com o que gosta = experiência de prazer	Diferentes matizes das vivências laborais regulando o valor narcísico	
Viver o trabalho com garra, gerando satisfação		
Desejo de fazer o melhor, pelo valor atribuído ao trabalho		
Dificuldades como incentivo para buscar soluções		
Envolvimento com o trabalho como condição de bem-estar		
Êxito no trabalho associado à sensação de não ser substituível		
Atribuições de confiança e responsabilidade dando mais valor ao trabalho feito		
Padrão próprio de competência no trabalho como modelo para os filhos		
Falta de reconhecimento pelo trabalho realizado diminui a autoestima		
Avaliação do que não alcançou na vida inclui frustração com o não feito no trabalho		
Frustração por não corresponder às expectativas leva à busca por compensações diversas		

Ter um trabalho, no atual contexto cultural, figura dentre os principais objetivos da vida de um homem. Em uma rápida apreciação, constata-se que essa meta se relaciona a questões materiais bem específicas, como o sustento financeiro e melhores condições de vida para si mesmo e para a família. Entretanto, percebe-se que o ato de trabalhar se constitui,

também, um meio de satisfazer necessidades situadas para além da vida laborativa. Esse aspecto pode ser percebido na fala dos entrevistados:

“Tudo o que tenho na vida hoje é graças ao quartel. Constituí uma família, casei, tenho filhos, soube criar os filhos, tudo dependendo do quartel. Então, eu posso dar um sustento maior, um conforto maior, posso comprar um carro melhor. Tenho casa própria, tenho casa na praia, tenho um sitiozinho, tenho um carro, consegui comprar um carro para dar para o meu filho. Isso aí é bom, é fruto do meu trabalho.” (P1)

“Eu acho que ele faz parte da vida, o ser humano tem que trabalhar. Para ser feliz, você tem que ter esposa, filhos e trabalhar bem. Se divertir, passear, e o trabalho proporciona isso tudo. Ele tem importância fundamental, você tem que ter a parte emocional e a profissional. É um conjunto, um complementa o outro.” (P4)

“O trabalho me trouxe a satisfação financeira de ter dinheiro, de conseguir ter uma casa, um carro, de ter independência. Isso foi muito bom, fruto do meu trabalho também. De poder constituir uma família, de ter aquilo que é necessário.” (P11)

Sendo assim, percebe-se nas falas dos entrevistados o caráter de prioridade e de obrigatoriedade associados ao valor econômico atribuído ao trabalho. No entanto, também se encontram nas falas referidas os achados da pesquisa realizada por Morin, Tonelli e Pliopas (2007) acerca dos sentidos atribuídos ao trabalho por jovens executivos brasileiros. Esse estudo constatou que a remuneração advinda do exercício laboral possibilita o alcance de outros projetos: aquisição de moradia, melhor qualidade de vida, melhores condições para criar os filhos, independência e amadurecimento. Em concordância, as palavras do Participante 3 mostram que o trabalho, além do sustento financeiro, também possibilitou a realização de conquistas pessoais:

“Sou de uma família humilde de cinco irmãos e meus pais não tinham condições de bancar uma faculdade, e aí começa a restringir a gama de opções para trabalhar. Então, eu comecei a trabalhar antes de entrar para a Aeronáutica, por necessidade. (...) Aí, depois, como sargento já, eu consegui fazer faculdade. Então, foi pela necessidade, porque a minha família não tinha condições.” (P3)

A configuração dessas assertivas pode ser articulada com uma tentativa de compreender a dimensão da vida laboral a partir do modelo freudiano da Teoria do Apoio, proposta por Freud (1905/1996) no artigo *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*. Nessa teorização, o autor apresenta sua compreensão do desenvolvimento pulsional com a irrupção da sexualidade apoiada nos instintos de sobrevivência. Sendo a fome a primeira necessidade corporal do recém-nascido, que urge em concomitância a uma sensação de tensão, sua saciedade é registrada como uma experiência de satisfação da necessidade biológica acompanhada de um sentimento de prazer decorrente do apaziguamento da tensão. Dessa forma, a pulsão nasce apoiada nas demandas de autoconservação e, por meio do desejo de reprodução da vivência prazerosa, permite o nascimento fantasia e da realidade psíquica. Essa

concepção relaciona-se aos escritos de Freud (1911/2004) contidos no texto *Formulações sobre os Dois Princípios do Acontecer Psíquico*. A incessante busca por experiências prazerosas por meio da descarga de grandes intensidades pulsionais (exigência do *princípio do prazer*) e a intermediação da realidade externa (moderação do *princípio da realidade*) constituem os dois preceitos que norteiam o aparelho psíquico.

A partir dessas considerações, pode-se reconhecer que a finalidade primeira do trabalho é sustentada por uma conduta com o objetivo de atender demandas autoconservativas. Apoiada na necessidade de manter o próprio sustento, a vida laboral tece e articula no cenário da vida psíquica possibilidades de promover experiências de satisfação. Em uma nota de rodapé do artigo *O Mal-estar na Civilização*, Freud (1930/1996) discursa sobre o trabalho, situando-o como um caminho potencial na busca do prazer. O autor indica que “a atividade profissional constitui fonte de satisfação especial, se for livremente escolhida, isto é, se, por meio de sublimação tornar possível o uso de inclinações existentes, de impulsos instintivos persistentes ou constitucionalmente reforçados” (Freud, 1930/1996, p. 88). A opção pela carreira militar por apreço e pela perspectiva de trabalhar com o que gosta podem potencializar uma experiência de satisfação no âmbito da vida laboral, como se observa no discurso dos militares entrevistados:

“O jovem normalmente acha alguma coisa que ele goste muito. Sem gostar, é muito difícil de ser militar. Eu gostava disso, então a minha escolha pela carreira militar foi feliz. O trabalho me trouxe uma satisfação em progredir, em conseguir fazer coisas que eu não imaginava.” (P11)

“Sempre gostei da aviação desde pequenininho, e fui cultivando esta ideia. Se eu tiver que trabalhar voando, para mim é uma satisfação enorme, porque eu faço aquilo que eu gosto e sempre gostei. A minha primeira satisfação é estar desempenhando a atividade aérea. Então, a parte profissional para mim foi excelente, porque tudo o que saía do chão eu consegui voar.” (P9)

“Sempre fui satisfeito com as minhas tarefas, sempre gostei do que eu fiz. Sempre gostei da atividade militar. Gosto da hierarquia, gosto da disciplina, gosto do regime. Particularmente, eu me realizei na vida militar.” (P4)

Do ponto de vista freudiano, então, o trabalho constitui-se como uma conduta para a vida humana que possibilita a vivência de experiências de prazer, ao mesmo tempo em que permite nova forma de articulação com a realidade. O prazer vivenciado no ambiente laborativo é fruto de deslocamentos libidinais denominados por Freud (1910/1996, 1930/1996) de *sublimação*. Em uma economia psíquica voltada ao equilíbrio, o processo sublimatório configura-se como um exemplo bem-sucedido da superação de impedimentos à satisfação total das pulsões sexuais por outra via que não a do recalçamento. Nesse contexto,

a atividade profissional, quando representa a escolha do sujeito, permite a vivência de satisfações parciais.

O investimento psíquico no trabalho configura-se como um aspecto importante do desenvolvimento narcísico. Freud (1914/2004), em *À Guisa de Introdução ao Narcisismo*, enuncia que o direcionamento de pulsões libidinais para um objeto de amor é condição para um narcisismo saudável. Aulagnier (1985), ao descrever os mecanismos necessários à constituição psíquica, refere, entre outros, que o eu possa escolher na realidade externa um outro eu que cumpra o papel de suporte de investimentos e de padrão identificatório. Obviamente a escolha de um outro não se restringe a escolhas amorosas, mas abarca um universo de objetos que podem cumprir a mesma função. O próprio Freud (1915/2004) reconheceu, no seu artigo *Pulsões e Destinos da Pulsão*, que o que há de mais variável entre os elementos da pulsão é o objeto por meio do qual ela encontra sua satisfação. Nesse sentido, o trabalho e as relações interpessoais nele estabelecidas podem ser considerados objetos de investimento, na medida em que se constituem como importantes escolhas que o homem vai fazer ao longo da sua vida.

A vida laboral comporta, ainda, recursos que possibilitam a efetiva participação do sujeito na sociedade. Freud (1930/1996) nomeia o trabalho como um veículo da coesão social, ao configurar-se como resultado de abdições pulsionais (sexuais e agressivas) a favor da manutenção de laços com o semelhante. A teoria freudiana atribuiu a essas renúncias a responsabilidade pelo nascimento da civilização. Nessa perspectiva, o trabalho pode ser considerado como “um elemento fundamentalmente integrador da sociedade, isto é, permite efetivamente a uma sociedade engendrar ou reforçar os laços sociais” (Enriquez, 1999, p.72). O contato com as pessoas no ambiente de trabalho compõe a principal ferramenta de sociabilidade do homem (Coutinho, Krawulski & Soares, 2007), sendo que, a partir da atividade profissional, o sujeito passa a fazer parte de um grupo que o insere, de fato, num contexto social e produtivo. Laner (2005) considera que o sentido de comunidade revelado na agregação, união e coesão presentes no ambiente organizacional instigam no trabalhador a sensação de pertencimento, constituindo-se como um fator de motivação e orgulho.

As relações interpessoais podem, de acordo com Hornstein (1989), reeditar o valor narcísico do sujeito. Essa concepção pode ser estendida para o meio profissional. No contexto militar, atributos como camaradagem e solidariedade são altamente promovidos e valorizados no ambiente de trabalho, onde acabam se produzindo trocas afetivas que podem ser consideradas pontos de apoio do sujeito no circuito social, como revelam os participantes:

“O militar é bom porque é um grupo bastante unido. Quando toca a corneta, todo mundo tem que avançar. Sabe ao mesmo tempo que vai levar chumbo, mas tem que avançar. Avança todo mundo junto exatamente pela união, pela manutenção da amizade, até porque está previsto no regulamento. Essa parte aí sempre foi muito boa no quartel. Na hora de confraternização, todo mundo confraterniza, na hora de trabalhar, todo mundo trabalha junto. Então, eu sempre me senti como um boi de boiada. Tu consegue andar meio protegido, que isso dá uma certa proteção.” (P2)

“O trabalho é uma maneira de me manter em contato com pessoas. Eu sempre procurava fazer essa integração. O pessoal que trabalhava comigo, se tivesse algum problema financeiro ou algum problema de família, a gente procurava sempre dar uma abertura para conversar. Não adiantava eu ter um militar lá das 9 da manhã até as 5 da tarde, se ele estivesse com problema. Então eu batia um papo.” (P6)

Essas vivências, tanto pelo viés econômico quanto social, no cotidiano da vida laborativa, possibilitam ao sujeito a sensação de estar vivo (Costa & Soares, 2009). No caso dos militares, Barisch (2006) articula a capacidade para o trabalho como resultante da boa saúde física. O autor relaciona essa característica ao fato de que a garantia para a permanência no serviço ativo, para o profissional militar, associa-se ao ótimo estado de saúde física e psicológica atestado pela realização periódica de exames médicos e testes de avaliação do condicionamento físico. Na declaração do Participante 6, o trabalho apresenta-se como um aspecto potencializador da vida:

“Tu tem que te manter ocupado para poder estar sempre com a mente funcionando, trabalhando, tendo contato com pessoas, experiências diferentes, para tu poder viver.” (P6)

As experiências de satisfação decorrentes da atividade profissional são consideradas por Arantes (1998) como manifestações das pulsões de vida. No entanto, a autora considera o campo da vida laboral como um terreno de limites incertos, afirmando que

o trabalho como exercício especificamente humano pressupõe que quem o exerce constituiu-se como homem, ultrapassou as etapas necessárias à sua consolidação psíquica e apresenta-se como quem pode vender sua força de trabalho para comprar o que necessita. Onde começa a necessidade e onde termina o prazer é uma fronteira difícil de estabelecer (Arantes, 1998, p.157).

Nesse sentido, ao mesmo tempo em que o trabalho é movimento de ligação, fruto da pulsão de vida, alguns elementos do âmbito laboral também podem ser considerados como espectros da pulsão de morte. O próprio Freud (1920/1996), ao propor que há algo para *além do princípio do prazer*, reconheceu o quanto as pulsões de vida e as pulsões de morte encontram-se emaranhadas nas experiências humanas. Mais especificamente, a atividade militar, ao envolver a obrigação do comprometimento da própria vida, submete o profissional dessa área, frequentemente, a situações de risco, mesmo que o país não esteja vivendo em

tempos de guerra. Barisch (2006) considera que essa exigência relaciona-se à finalidade da função militar, na qual o homem pode “ser empregado a qualquer hora em atividades tipicamente bélicas, na defesa da pátria, na garantia dos poderes constitucionais e da lei e da ordem” (p. 24). Missões de paz no exterior, por exemplo, ou mesmo vivências cotidianas impõem o exercício da sua função em situações de urgência, como relata o Participante 12:

“Eu trabalhava nos bombeiros da Base, que é uma coisa difícil de lidar, porque tu tem que trabalhar, mas ninguém quer te ver trabalhando. Quando bombeiro está trabalhando, é porque alguma coisa está errada. Daí tu fica muito tempo treinando, e daqui a pouco tu quer que alguma coisa aconteça. A coisa é meio complicada. (...) O infantaria é feito para lutar, o bombeiro é feito para salvar. O bombeiro é para salvar vida, o infantaria é para defender, e se precisar ele vai matar. Então, a mente fica dividida.” (P12)

“Entrei por gostar de voar. Fui desligado em voo na última missão do curso. Um instrutor, numa avaliação, disse que eu fiz um voo perigoso. E realmente a situação era perigosa. Eu estava voando em formatura e eu entrei em rota de colisão com o líder. Só que, na minha opinião, ele é quem tinha que tomar o cuidado de não entrar na minha frente.” (P4)

Outras imposições características da vida militar relatadas pelos participantes do estudo são exploradas pelas considerações de Barisch (2006). A admissão nas Forças Armadas é acompanhada da obediência a regras disciplinares e preceitos hierárquicos que condicionam a vida pessoal e profissional do sujeito. O autor descreve que o exercício da função militar envolve a dedicação ao trabalho durante vinte e quatro horas por dia e assinala que o efeito dessas particularidades é percebido, principalmente, pelo impacto causado na vida familiar. Diante da possibilidade de o militar ser designado para o trabalho em outra localidade ou em função da necessidade de passar uma grande quantidade de tempo envolvido com as atividades inerentes ao serviço, os interesses pessoais e familiares, muitas vezes, ficam em segundo plano. Estas peculiaridades do trabalho e da vida militar são apontadas por Barisch (2006) como responsáveis pelo forte vínculo que o militar e a sua família mantêm com a instituição, ainda que existam conflitos entre as aspirações pessoais do militar e os interesses institucionais. As falas dos participantes ilustram essas considerações, diante das exigências da profissão:

“Tinha dias que eu chegava em casa, as minhas filhas e a minha esposa já estavam dormindo, e eu saía antes de elas acordarem. Eu tinha um contato restrito com elas. A minha profissão era muito atribulada, eu viajava muito, não tinha tempo. Esses trinta anos foram dedicados à FAB, eu quase não via a minha família.” (P7)

“O comandante me falou que era minha vez, porque eu nunca tinha sido movimentado. E precisavam de um militar lá. Daí eu falei pra ele: Bom, então tudo bem, eu vou, mas não sei como vou reagir como profissional e como ser humano, porque a família vai ficar aqui e eu vou para lá. Até a minha esposa falou que se eu fosse para uma cidade muito violenta, iria sozinho.” (P2)

A partir dessas reflexões, pode-se considerar que a atividade profissional, enquanto objeto de investimento psíquico que toma uma parcela significativa do tempo na vida adulta, encontra-se entrelaçada ao processo identificatório do sujeito. Ao conceituar a identificação em *Psicologia de Grupo e a Análise do Ego*, Freud (1921/1996) descreve três aspectos do processo:

primeiro, a identificação constitui a forma original de laço emocional com um objeto; segundo, de maneira regressiva, ela se torna sucedâneo para uma vinculação de objeto libidinal, por assim dizer, por meio de introjeção do objeto no ego; e, terceiro, pode surgir com qualquer nova percepção de uma qualidade comum partilhada com alguma outra pessoa que não é objeto de instinto sexual. Quanto mais importante essa qualidade comum é, mais bem-sucedida pode tornar-se essa identificação parcial, podendo representar assim o início de um novo laço (p. 117).

Posteriormente, em *O Ego e o Id*, Freud (1923/1996) desenvolve a concepção da identificação primária afirmando que ela ocorre na fase oral primitiva, quando a diferença entre o investimento libidinal no objeto e a identificação é praticamente imperceptível. A identificação secundária, por sua vez, é compreendida como o mecanismo psíquico característico da saída do conflito edípico imprescindível para a constituição do eu e do ideal de eu. No entanto, a identificação não se restringe a essas fases do desenvolvimento, na medida em que se configura como um processo, ocorrendo ao longo da vida. Hornstein (1989), ao referir o quanto a constituição psíquica do eu está subordinada aos objetos pela via da identificação, ressalta que “a identidade não se constitui de uma vez, para sempre. Novas identificações continuam definindo, complexificando o eu ao qual o narcisismo aponta” (p. 165). Na mesma perspectiva, Laplanche e Pontalis (2001) afirmam que a personalidade do sujeito é formada por uma sucessão de identificações que a particulariza.

Por meio da identificação, o sujeito se apropria de uma característica do objeto que é externo ao eu, tomando-a como modelo. Considera-se que a vida laboral representa um importante objeto de investimentos libidinais, mediante o qual o sujeito estabelece uma ligação com o seu trabalho por meio de componentes emocionais (Arantes, 1998). Assim, a identificação proposta pela teoria freudiana possibilita a compreensão de que o sujeito trabalhador absorva características do objeto – sua atividade profissional – e as tome como fazendo parte do si mesmo. Santos (1990) afirma que aspectos do trabalho, enquanto um papel social, “penetram na personalidade do sujeito, tornando-se parte de sua identidade” (p. 2). Na mesma perspectiva, Morin et al. (2007) consideram que “a própria identidade das pessoas muitas vezes se confunde com seu trabalho” (p. 54). Sendo assim, a vida laboral e as

relações interpessoais que ocorrem no âmbito profissional promovem a identificação do sujeito com o trabalho, com a profissão e com os valores da instituição a qual pertence. Percebe-se, no discurso do Participante 10, que o regulamento que define as condutas a serem tomadas pelos militares constitui-se como um fundamental modelo identificatório na vida militar:

“Ser militar é a coisa mais fácil que tem, é só tu ler as instruções. É só tu ler o manual, o que fazer e o que não fazer. É fácil, tu segue aquilo. Uma coisa que eu sempre gostei de fazer é manter a disciplina, a roupa alinhada, corte de cabelo, barba. Sempre tento manter o padrão porque eu gosto, me sinto bem. Deixar o cabelo crescer e a barba grande... eu não consigo me entender assim desleixado! Não sou eu assim, eu não me identifico assim.”(P10)

“Nunca tive punição, nunca fui punido. Como chefe, eu tive que aplicar uma punição pela situação do sistema, não pela minha vontade. Que na realidade não é a gente, é o regulamento.” (P3)

As falas abaixo explicitam o modo como o próprio uniforme militar pode ser identificado como um invólucro narcísico mediante o qual o sujeito se reconhece também a partir de um valor social atribuído à sua condição:

“Meus pais queriam que eu fosse médico ou militar. Então, quando eu passei no concurso, eles ficaram muito contentes. Até um colega me convidou para ser padrinho de casamento e exigiu que eu fosse fardado. Em função disso, eu posso dizer que a profissão de militar me trouxe muitas alegrias.” (P2)

“Enquanto a pessoa está no serviço, ela tem aquele envolvimento, aquele comprometimento, ela tem uma farda. Quer queira, quer não queira, ainda tem um nível de respeito em qualquer lugar que se vá.” (P5)

A partir desses relatos pode-se observar que a identificação com a profissão militar, socialmente valorizada, está intimamente associada à esfera dos ideais. Segundo Hornstein (1989), o ideal do eu é uma instância psíquica que está relacionada aos valores internalizados pelo sujeito ao longo da vida provenientes do julgamento e da ética parental como representantes da moral social. Derivado, pela via da identificação, da primeira condição do desenvolvimento narcísico em que o eu coincide com o ideal (eu ideal), o ideal do eu contempla a circunscrição do campo da autoestima no adulto. A identificação, responsável pelo veto à correspondência narcísica com o ideal mediante as experiências edípicas de castração, possibilita um afastamento entre o eu e o ideal. Assim, a instauração do ideal do eu configura o movimento do eu em direção ao ideal a ser alcançado, permitindo a instauração de projetos e o investimento no futuro.

Freud (1914/2004), ao desenvolver considerações sobre os estágios da constituição narcísica, descreve os determinantes da autoestima afirmando que “uma parte do autoconceito

é primária, resíduo do narcisismo infantil; outra parte provém da onipotência confirmada pela experiência (a realização do ideal do eu) e uma terceira origina-se da satisfação da libido objetal” (p. 117). A partir dessas considerações, Hornstein (1989) produz reflexões sobre cada uma das fontes da autoestima indicadas na teorização freudiana. Em relação ao segundo aspecto, o autor assinala que a perspectiva de investir nas competências egoicas que possibilitam o cumprimento das exigências do ideal de eu pode sustentar a autoestima. Por outro lado, a prática cotidiana que contemplar uma decepção a essas exigências pode afetá-la. Referindo-se ao terceiro elemento, o autor destaca que a satisfação da libido de objeto ultrapassa a esfera das relações amorosas, afirmando que “esquemáticamente, poderíamos postular que um adulto tem um registro diversificado de investimentos libidinais objetais, para os quais se colocam satisfações, decepções e exigências distintas” (Hornstein, 1989, p. 218). O autor situa, então, as relações de trabalho e os projetos profissionais como campo de investimento de libido objetal na vida adulta que podem se traduzir como fonte de valorização ou de feridas narcisistas.

Nesse sentido, para Hornstein (2008) o valor do eu procede de um investimento narcísico primário, fruto da qualidade das relações intersubjetivas necessárias para a constituição psíquica, e também do valor que o eu fornece às suas experiências cotidianas. O autor afirma que “o ego se atribui valor, o atribui a suas atividades e também a suas relações. Tem um valor atual e um valor de origem” (p. 39). Percebe-se, a partir da fala do Participante 2, que o valor atribuído ao trabalho constitui-se, também, como fonte de valor narcísico:

“A menor função que eu tenha que fazer, o meu objetivo sempre é começar, fazer e concluir da melhor maneira possível. Todo mundo me conhecia e sabia como eu era, que comigo tinha que trabalhar bem, prestando atenção, colaborando. Eu sempre gostei de ajudar o pessoal, sempre trabalhei bem. Sempre fui muito dedicado, então, muitas vezes, eu era a referência.” (P2)

No mesmo contexto, o Participante 11 manifesta a forma como o cumprimento em relação ao ideal do eu alimenta a autoestima:

“Eu nunca imaginava ter essa sequência, essa carreira toda. Então a minha expectativa sempre foi ótima, porque eu vim lá de baixo. Tudo aquilo que eu consegui, para mim foi bastante. Desde o início das minhas expectativas eu alcancei muito mais do que eu podia imaginar. Isso sempre foi uma coisa que me deu satisfação, eu fiquei realizado, muito satisfeito.” (P11)

O desempenho do sujeito em relação ao ideal configura-se de maneira muito particular, de acordo com a história de vida de cada um. Para alguns militares entrevistados neste estudo, desempenhar um modelo para os filhos de competência no trabalho, bem como obter êxito nas tarefas realizadas, ou ainda encontrar soluções para dificuldades próprias do

dia a dia no trabalho, configuravam-se como experiências satisfatórias que iam ao encontro dos projetos profissionais. Entretanto, pode-se perceber que uma frustração diante do que o eu não conseguiu alcançar em relação aos propósitos postulados pelo ideal, contempla uma decepção narcísica, conforme revelam as falas abaixo:

“Gostaria de ter outro posto, de ser tenente ou capitão. Não sei se é por condição financeira ou status. Vai ver, porque penso que eu poderia ter feito melhor.” (P10)

“Não alcancei o que eu queria. Eu sempre queria ser mais. Queria ser um oficial, queria ser um coronel, alguma coisa mais do que eu fui hoje, quando eu saí. A minha expectativa quando eu comecei a encarar a vida militar era essa.” (P1)

A imagem que o sujeito tem do si mesmo, segundo Hornstein (1989), é significada e ressignificada ao longo da vida tanto pelo ideal do eu, quanto pelos enunciados advindos do exterior. O autor demonstra que, em uma relação de objeto, o movimento libidinal não correspondido restringe a autoestima, enquanto que a recompensa correspondente ao investimento a incrementa. Nesse contexto, o autor define que um prazer narcisista é obtido quando há o reconhecimento ou admiração de uma instância significativa de ordem externa ou internalizada.

Ao refletir sobre os papéis sociais do sujeito, Santos (1990) declara que “cada um investe mais ou menos em seu papel profissional segundo suas necessidades, suas motivações e suas aspirações. O trabalho pode representar um papel central para o indivíduo, logo, a fonte mais importante de reconhecimento e de valorização” (p. 19). De acordo com a pesquisa realizada por Morin et al. (2007), o reconhecimento pelo trabalho dá sentido à atividade realizada. Na mesma perspectiva, Abreu (2010) considera que “o reconhecimento pelo trabalho atua nas pessoas como validação do que elas são” (p. 40). A partir da entrevista do Participante 13, torna-se possível ilustrar a importância do reconhecimento pelo trabalho na sustentação da autoestima:

“Sou muito ativo, estou sempre procurando alguma coisa para fazer. Tem várias coisas ali que eu fiz. Só que não existe o reconhecimento. O pessoal só enxerga as coisas ruins. Então eu comecei a me desgostar mesmo. E apoio? Zero! Não chegava ninguém lá para ajudar. (...) Depois, como instrutor, eu tive apoio e reconhecimento. Acho que todo ser humano gosta disso. Chegar alguém e te elogiar pelo serviço bem-feito, não só cobranças.” (P13)

O reconhecimento pelo trabalho diante das particularidades da vida militar encontra-se, também, entrelaçado à hierarquia. A progressão na carreira, conforme aponta o Participante 6, ocorre independente da competência profissional:

“Quando a gente entra na vida militar, independente de tu ser competente ou não, tu chega no fim da tua carreira. Isso aí eu acho errado. No militarismo tem isso aí, quem manda não é o mais competente, é o mais graduado.” (P6)

Mediante as particularidades das experiências advindas da atividade militar, compreendidas como objeto de investimento psíquico, pode-se perceber, a partir das falas dos entrevistados, o referido por Coelho (2010) sobre o fato de que as relações mediadas pela vida laboral encontram-se alicerçadas por laços emocionais. O intenso vínculo característico do profissional militar com o seu trabalho e com a instituição na qual ele serve, percebido nas entrevistas realizadas e também destacado por Barisch (2006), singulariza ainda mais essas vivências, tanto do ponto de vista do narcisismo quanto da constituição da esfera dos ideais.

Diante do exposto, estrutura-se a segunda categoria final, a qual derivou das categorias iniciais e intermediárias expostas no quadro abaixo, denominada ***Demandas psíquicas frente ao rompimento com a atividade de trabalho***. Essa categoria reflete acerca dos impactos psíquicos causados pelo rompimento com o serviço ativo, no âmbito do trabalho militar.

Quadro 3. Dados referentes à Categoria Final 2

Categorias Iniciais	Categorias Intermediárias	Categorias Finais	
Reserva = momento de desfrutar/satisfação	Sentimentos frente à passagem para a reserva	Demandas psíquicas frente ao rompimento com a atividade de trabalho	
Reserva = liberdade/alívio			
Reserva = premiação			
Sensação de "missão cumprida" diante da passagem para a reserva			
Estar na reserva jovem, gerando sentimento de culpa			
Passagem para a reserva gerando sentimentos de insegurança			
Reserva gerando sentimentos de vazio			
Passagem para a reserva provocando preocupação sobre a saída do trabalho para ficar em casa			
Passagem para a reserva despertando a necessidade de se sentir útil			
Passagem para a reserva despertando preocupação sobre ser esquecido			
Vínculos fora do ambiente de trabalho facilitando a reserva	Diversidade de investimentos psíquicos como aspecto facilitador da passagem para a reserva	Demandas psíquicas frente ao rompimento com a atividade de trabalho	
Atividade profissional fora do âmbito militar durante a ativa facilitando a reserva			
Boas relações familiares facilitando a passagem para a reserva			
Continuar trabalhando após a passagem para a reserva			
Na reserva, o vínculo com a instituição continua	O uso de certa impessoalidade como facilitador da exposição de temáticas conflituosas associadas à passagem para a reserva		Demandas psíquicas frente ao rompimento com a atividade de trabalho
Relatos sobre colegas que sofreram de depressão na reserva			
Constatação de colegas que passaram a fazer uso de bebidas alcoólicas depois que foram para a reserva			
Percepção sobre colegas que se suicidaram na reserva			
Associação da passagem para a reserva com a temática da ansiedade			
Associação da reserva com isolamento			
Associação da reserva com a morte			

Categorias Iniciais	Categorias Intermediárias	Categorias Finais
Reserva representando rompimento repentino com a vida no quartel	Busca de atribuição de sentido frente à passagem para a reserva	Demandas psíquicas frente ao rompimento com a atividade de trabalho
Passagem para a reserva provocando alterações no convívio social		
Passagem para a reserva encarada como processo natural diminui sensação de crise		
Reserva compreendida como uma resistência à qual é necessário se adaptar		
Constatação de que também ocorre com os outros diminui a frustração		
Associação da reserva com "pegar outra etapa" alivia frustrações		
Possibilidade de racionalizar proporciona aceitação para o que não pode mudar		
Preparação/planejamento prévios facilitando a passagem para a reserva		
Decisão pela reserva por discordância com os superiores hierárquicos	Passagem para a reserva como forma de enfrentamento de conflitos	
Decisão pela reserva pela falta de reconhecimento		
Decisão pela reserva pelo fim da possibilidade de progressão na carreira		
Decisão pela reserva antes de ser mandado embora pelo sistema		

O rompimento com o mundo do trabalho pode provocar uma série de transformações no modo de vida do sujeito que, até há pouco tempo, encontrava-se submerso nas atividades cotidianas inerentes à sua vida profissional. No caso dos militares, Barisch (2006) destaca que essa ruptura pode ser agravada em função do modo peculiar pelo qual se reveste o exercício de suas funções. Diante da forte ligação emocional do militar com o seu trabalho e das exigências de dedicação exclusiva e disponibilidade permanente, o autor afirma que “muitos militares da Aeronáutica, ao se afastarem do serviço ativo por passarem para a reserva, ao enfrentarem a ruptura com o seu mundo do trabalho, têm apresentado dificuldades no processo de ajustamento social para a nova vida na inatividade” (p. 11). Além disso, o autor salienta que o tempo efetivo de serviço exercido pelos militares corresponde a mais do que o previsto para que a maioria dos servidores públicos federais ou trabalhadores assalariados possa se aposentar. Essa constatação, segundo o autor, pode estar relacionada com o valor militar de viver o trabalho 24 horas por dia. A partir dessas considerações, o autor conclui: “pode-se supor que o afastamento dessa rotina e desse enlace psicológico seja mais difícil e até traumático” (Barisch, 2006, p. 22).

Nessa perspectiva, a passagem para a reserva, compreendida desde o seu aspecto de encerramento dos investimentos psíquicos até então dirigidos ao mundo do trabalho, configura-se como uma vivência que desperta uma diversidade de sentimentos. Carlos et al. (1999), ao realizarem uma análise semântica da palavra “aposentadoria”, refletiram a respeito dos sentidos que o termo evoca, destacando duas acepções centrais. A primeira refere-se ao

vocábulo “jubilamento”, no sentido de júbilo, conquista e recompensa. A segunda, por sua vez, propõe a compreensão do ato de aposentar-se como um movimento de recolher-se aos aposentos, ou seja, a retirada da vida ativa para o interior do espaço doméstico. Percebe-se, por meio das falas dos militares participantes deste estudo, que, de fato, a reserva pode compreender ambos os significados. Sentimentos como prazer, liberdade, alívio e satisfação foram associados à reserva quando esta representa um momento de desfrutar ou uma premiação pelos anos de trabalho, conforme revelam os seguintes entrevistados:

“Eu senti um certo alívio, dá um certo prazer. Claro, você não está mais envolvido, não tem aquele negócio de ter que levantar todo dia de manhã e cumprir o horário. Mas o trabalho foi uma base. Agora eu vou começar a desfrutar disso. Agora nós podemos pensar em outras coisas, vamos viajar, vamos viver a vida.” (P7)

“É igual se a senhora tem um passarinho na gaiola e soltar, ele vai ficar alegre, vai voar e a senhora nunca mais vai ver. (...) Na reserva a gente tem mais liberdade para fazer as coisas que quer. Eu me senti melhor assim, me senti passarinho solto.” (P8)

Entretanto, a reserva encarada no outro sentido, como sinônimo de ficar em casa, é motivo de inquietação. A condição de parar de trabalhar, vinculada a um movimento de tornar-se inativo, encontra-se associado ao que Enriquez (1999) descreve como consequência das representações coletivas acerca do trabalho. Segundo o autor “vemos aí se desenvolver a ideia de que os indivíduos que não trabalham são parasitas, delinqüentes e inúteis” (p. 71-72). Costa e Soares (2009) conceituam que a inatividade pelo término da vida laboral corresponde a uma visão de homem sem importância social. As autoras definem que o ato de aposentar-se, engendrado nas propriedades de uma cultura imersa no capitalismo, “tende a ser acompanhado por valores negativos como inutilidade, incapacidade e envelhecimento. Por conseguinte, o aposentado é quem não possui mais utilidade para a manutenção do sistema produtivo. [...] O aposentado é aquele que não precisa fazer nada” (p.102). Constata-se que as preocupações reveladas pelos participantes encontram fundamento no valor social atribuído ao trabalhador e ao aposentado:

“Às vezes os colegas me encontram ou um parente: ‘Tu já está aposentado?’ Já está, quer dizer que a vida acabou, está um velho, morreu, acabou. Um tipo de cobrança, sabe? São poucas as pessoas que dizem: ‘Bah, que legal, se aposentou novo, tu vai aproveitar a vida agora, vai sair, fazer alguma coisa diferente, vai sair com a tua esposa, aproveitar.’” (P10)

“O tratamento que é dado hoje para o suboficial em final de carreira é muito cruel. Tu passa 30 anos da tua vida trabalhando e te destacando em alguma coisa, dando cursos e formando pessoas. Só que, quando tu chega nos últimos três, quatro anos da tua carreira, tu passa a ser tratado como uma coisa dispensável. Então, não tem mais perspectiva. Tu passa a ser uma pessoa que está ali, mas tu não participa mais plenamente do processo. Tu começa a ser deixado de lado.” (P5)

De acordo com Santos (1990) e com Graeff (2002), o lugar ocupado pelo aposentado no sistema de produção caracteriza uma *morte social*. Na mesma perspectiva, Carlos et al. (1999) enfatizam que a associação entre aposentadoria e velhice se dá em função da exclusão do idoso do contexto capitalista pela incapacidade de continuar produzindo. No serviço militar, o trabalho é representado pela capacidade física mediante a exigência de condições perfeitas de saúde. A constatação de que, na reserva, o militar encontra-se numa idade que ainda permite o exercício da sua capacidade produtiva, parece dificultar a sensação de ser velho e de não ter importância social, como demonstra o Participante 4:

“Eu tenho 53 anos, você não pode mandar um soldado correr na guerra com um fuzil nas costas aos 53 anos. Mas você poderia tranquilamente colocar ele para trabalhar num computador. A maioria dos meus amigos está com vigor físico, com capacidade intelectual, tudo pronto para produzir, mas estão em casa. Se você for para a reserva e se recolher em casa, você vai virar um ‘Zé Mané’ e socialmente você deixa de existir. Incomoda não fazer nada produtivo. A gente poderia ser melhor aproveitado. Acho que eu poderia produzir mais.” (P4)

A presença de sentimentos ambivalentes, como libertação e crise, perante o distanciamento do trabalho em função da aposentadoria, é destacada por Santos (1990). Para a autora, a crise manifesta-se quando o sujeito se recusa a aceitar sua condição de aposentado ou ainda quando o sujeito continua trabalhando após a aposentadoria. A vivência da reserva como crise ou *aposentadoria-recusa*, na conotação de Santos (1990), constitui-se como uma proteção contra sentimentos de angústia e vazio, contra a percepção da morte e da velhice.

A aposentadoria, compreendida sob esta perspectiva de crise, relaciona-se ao que Jerusalinsky (2000) considera como produto de uma quebra nas formas de representação subjetiva. O trabalho, desde o seu aspecto de objeto de investimento psíquico, é situado pelo autor como um veículo de garantia subjetiva mediado pelo laço social. Segundo o autor, o valor simbólico do sujeito encontra-se em estreita relação com a qualificação atribuída ao objeto pela cultura. A crise estabelece-se, então, a partir de uma ruptura com a vida laboral, a qual acarreta, também, um rompimento simbólico entre o discurso social e o sujeito. Como toda vivência de crise, a experiência da aposentadoria carece da realização de trabalho por parte do psiquismo para elaborar as mudanças decorrentes do fim de um longo período da vida do homem.

Diante da passagem para a reserva, a exigência de trabalho psíquico frente à perda do objeto de investimento, no caso dos militares entrevistados, parece configurar-se de forma semelhante ao trabalho do luto. Considerando o descrito por Freud (1915/1996) em *Luto e Melancolia*, Laplanche e Pontalis (2001) definem o trabalho do luto como um “processo intrapsíquico, consecutivo à perda de um objeto de afeição, e pelo qual o sujeito consegue

progressivamente desapegar-se dele” (p. 509-510). Freud (1915/1996) considerou muitas semelhanças entre o trabalho do luto e o trabalho a ser realizado pelo psiquismo diante da melancolia. No entanto, a principal diferença apontada pelo autor diz respeito à constatação de que, distinto do que ocorre na melancolia, no processo de luto a autoestima não é abalada. Essa constatação deve-se ao fato de que, no luto, o desligamento da libido direcionada ao objeto ocorre gradualmente, de forma que permite o reinvestimento em outros objetos. Na melancolia, por sua vez, o eu identifica-se com a perda do objeto, e a libido, até então direcionada ao objeto, retorna ao eu. Nesse sentido, a conduta do sujeito melancólico torna-se fundamentalmente narcísica, numa tentativa de manter a integridade psíquica e não perder a si mesmo, tal como perdeu o objeto.

Para que a passagem para a reserva se caracterize como um trabalho do luto, tal como preconizado por Freud (1915/1996), é necessário que o desinvestimento psíquico na vida laboral seja sucedido do encontro de novos objetos de investimento para a manutenção da atividade libidinal. Hornstein (1989) refere-se ao que a teorização freudiana considerou como uma forma apropriada de enfrentar perdas significativas, afirmando que

Freud aconselha, quanto à evitação do desprazer, o que faria qualquer comerciante precavido: diversificar os investimentos. Para Freud, a fantasia deveria gerar um campo de ilusão e de *praxis* transformadora da realidade, o que implica o luto pelos objetos perdidos e sua substituição pelos objetos atuais (p. 221).

A manutenção da saúde psíquica diante de uma perda é assegurada pela vigência de uma balança energética entre os investimentos da libido no eu e a libido direcionada aos objetos, ocorrendo a dinâmica referida por Freud (1914/2004), de que “quanto mais uma consome, mais a outra esvazia” (p. 99). Uma diversidade de investimentos psíquicos é revelada pelos militares entrevistados como um aspecto facilitador da passagem para a inatividade. Tanto no serviço ativo quanto na reserva, os participantes referem a importância de ter outras atividades e outros vínculos:

“Não adianta eu ficar aqui, ter um vínculo único e exclusivamente no meio militar, porque isso acaba. Quer queira, quer não queira, acaba. Cada um vai para o seu lado e a relação termina se extinguindo. Então, eu sempre procurei fazer um meio social diverso.” (P5)

“Ao mesmo tempo em que eu gosto dessa vida militar, eu nunca me prendi muito nessa bitolação. Sempre tive outra visão, a vida não pode ser só isso aí. Senão, a hora que parar, tu não consegue largar a farda.” (P10)

“Sabe o que é que facilita? É ter outras coisas, outras prioridades, outros valores, outras atividades para fazer e não viver só em cima daquilo, porque, quando acaba, não tem mais nada. O que evita realmente de você ter um baque é você ter outros valores e outras coisas para fazer, entende?” (P11)

Um equilíbrio de investimentos no âmbito da vida laboral revela que o sujeito encontra reconhecimento e valorização do si mesmo em outros campos de investimentos que não apenas o trabalho. Sendo assim, a relevância da maneira como cada indivíduo investe no papel profissional, em sua particularidade, é abordada por Santos (1990), ao afirmar que

haverá aqueles para quem o trabalho é, se não a única, pelo menos a atividade principal em sua vida. É o caso dos sujeitos que investem em seu papel profissional como a única fonte de engajamento no mundo social. Porém, haverá também os sujeitos para quem o trabalho representa *uma* das fontes de sentido de vida e engajamento social. Estes sujeitos terão outras atividades de investimento sobre as quais se podem apoiar para redefinir sua identidade social (p. 13).

O primeiro caso abordado pela autora exemplifica o empobrecimento libidinal decorrente do desequilíbrio na balança energética de investimentos do sujeito. Numa tentativa de não perder o objeto, alguns militares, ao saírem do serviço ativo, continuaram desempenhando a sua atividade profissional fora do âmbito militar. Em outros casos, ainda, a reserva se dá justamente pela possibilidade de investir ainda mais em um trabalho que já estava sendo realizado fora do quartel, durante a vida na ativa. Nesse contexto, pode-se dizer que não houve um real rompimento com o mundo do trabalho, como relatam os participantes:

“Para mim, foi tranquilo. Eu não sofri com isso. Foi muito corrido, porque, quando eu recebi o convite para trabalhar na aviação civil, foi questão de dias. Enquanto publicava a minha reserva no diário oficial, eu já estava sendo contratado na empresa. Foi uma coisa embolada com a outra. E amanhã completo 30 anos de carreira aviatória.” (P9)

“Vai fazer uns 26 anos que eu trabalho com pintura automotiva. E hoje em dia eu só me dedico a isso. Eu nunca fiquei só no quartel, só vivendo daquilo ali. Sempre procurei fazer alguma outra coisa, porque sabia que um dia eu ia embora. Então, eu só dei continuidade naquilo que eu já vinha fazendo.” (P8)

“Preocupação sobre: Ah, eu vou pedir reserva, o que que eu vou fazer? Para mim, não! Consegui desplugar direto, porque essa firma que trabalho hoje, eu já trabalhava antes quando estava na ativa ainda. Então, decidi que ia para a reserva, fui lá, assinei os requerimentos e despluguei. Só tirei o plug. Não sou mais da ativa.” (P1)

No processo de questionamentos a respeito dos efeitos frente ao rompimento efetivo com a vida militar, é necessário considerar as características do trabalho e da reserva no âmbito militar referidas por Barisch (2006). De acordo com o autor, quando os militares se aposentam, eles continuam mantendo um vínculo com as Forças Armadas, constituindo uma reserva de pessoal pronta para ser convocada, encontrando-se “em disponibilidade remunerada” (p. 20). Anualmente, no mês de aniversário do militar, ele deve comparecer à instituição para atualizar seus dados, a fim de ser localizado com facilidade no caso de uma

convocação. Além disso, o militar e sua família continuam usufruindo do sistema de saúde da instituição, localizado em área militar, tal qual quando ele se encontrava no serviço ativo. O militar da reserva continua, também, sendo convidado a participar em eventos comemorativos ou em desfiles militares da unidade na qual serviu. A possibilidade de voltar a trabalhar na própria instituição a convite ou a pedido, atividade denominada como Tarefa por Tempo Certo, também caracteriza a continuidade de um vínculo com a instituição que não se rompe na data da reserva. Percebe-se, a partir das entrevistas, a dificuldade em romper a ligação do militar com a sua instituição:

“Tem gente que volta a trabalhar, mesmo na Aeronáutica, por tempo certo. Eu acho que é uma opção muito boa, porque a pessoa volta e ela se sente em casa de novo, se sente acolhida. É bom a gente perceber que as portas estão abertas, se a gente quiser voltar. Outra situação que eu acho legal é que continuam convidando o pessoal da reserva para participar do Dia de Santos Dumont, essas datas comemorativas. Além de encontrar o pessoal que a gente conviveu, a gente se sente lembrado.” (P3)

“Muita gente está voltando a trabalhar aqui na Aeronáutica mesmo. Eles não retornam por causa do dinheiro, mas para se manter ocupados, para não sair do ambiente militar. Porque é difícil sair. Aí fora é totalmente diferente.” (P6)

A volta ao trabalho após a aposentadoria, principalmente quando se trata de um retorno à mesma instituição, demonstra o desejo de continuar produtivo, de continuar participando de um grupo e de ser reconhecido como tal. A dificuldade para construir projetos desvinculados da atividade profissional configura-se como uma vivência da aposentadoria-recusa (Santos, 1990). Percebe-se, a partir das entrevistas realizadas, a manifestação de temáticas como insegurança, sensação de vazio, sentimento de culpa e fantasia sobre ser esquecido após a passagem para a reserva. No entanto, os militares entrevistados demonstraram certa resistência em identificar-se com estas atribuições:

“O período que eu passei fora da atividade foi curto. Eu não deixei alastrar. Isso já foi pensado, justamente para mim não ficar pensando: Agora não vou fazer mais nada, o que eu fiz não teve nenhuma importância! Não! Eu já foquei para que eu mantivesse a mesma linha.” (P5)

“No começo foi difícil. É difícil tu acordar em casa e não ter o que fazer. No começo é um vazio. Eu acredito que o que mais dificulta a adaptação é a falta do que fazer. Porque tu vira um inútil, um cara que não faz nada, que não tem função nenhuma. Se tu ficar em casa, tu murcha. No momento que tu não está ocupado, tu começa com aquelas doenças que são normais nas pessoas que ficam mais isoladas. Depressão, insatisfação, ansiedade, tudo isso aí tu tem.” (P6)

Percebe-se a inquietação dos militares participantes do estudo frente a temáticas conflituosas decorrentes da aposentadoria. Assuntos como depressão, ansiedade, alcoolismo, isolamento, suicídio e morte foram manifestados nas entrevistas, utilizando certa

impessoalidade. A opção por esta forma indireta de discurso pode estar associada a uma resistência dos entrevistados em função de uma exigência contemporânea, caracterizada por Birman (2007) pela exibição de uma *performance* que desconhece falhas e que pouco tolera os sentimentos que são próprios do humano. Desde uma leitura sustentada na concepção de sociedade descrita por Lasch (1983) e por Debord (1997), respectivamente, como *cultura do narcisismo* e *sociedade do espetáculo*, Birman (2007) expressa que, para o homem contemporâneo, manifestar qualquer tipo de sofrimento significa sucumbir ao fracasso. O sujeito aposentado situa-se, então, à margem do ideário de felicidade e da participação no projeto social impostos pela cultura contemporânea. A partir dessa perspectiva, falar a respeito de conflitos que acompanham uma vivência de crise, como é o caso da aposentadoria, usando o discurso em terceira pessoa, demonstra a dificuldade na apropriação do próprio sofrimento:

“Tem certas pessoas que saíram e hoje estão piores do que estavam antes. Eu não sei por quê. Acho que o mundo da pessoa era aquele círculo ali. E a hora que saiu, ela se sentiu abandonada, caiu em depressão. Tenho colegas que aconteceu isso.” (P7)

“Muita gente tem um choque quando vai para a reserva, porque tem uma vida bastante limitada no quartel. Mora em vila militar, vai para o quartel, volta para casa, clube militar, coisa e tal. A gente não forma uma amizade externa à caserna. Muita gente vai para a reserva e sente aquele baque! Tem que sair da vila militar, vai morar num local que não conhece ninguém, e começa a entrar na bebida.” (P2)

“A gente conhece casos aí de colegas que foram obrigados a ir para a reserva por data limite, por compulsória. Três meses depois, o cara morreu. Tem gente que não aceita. Nós tivemos problema de gente que tentou se suicidar. Um caso sério, o cara entrou em parafuso.” (P9)

Aos recursos psíquicos de enfrentamento da crise causada pelo rompimento com a atividade laborativa associa-se, na especificidade do contexto explorado por esta pesquisa, a busca de uma atribuição de sentido frente à passagem para a reserva. Os militares entrevistados demonstram que a ida para a reserva está associada às dificuldades relacionadas ao rompimento repentino com a vida no quartel e não apenas com a rotina de trabalho. O afastamento do serviço ativo acarreta, também, no distanciamento gradativo das relações interpessoais decorrentes do convívio profissional e da coabitação em vilas militares. Logo, ocasiona-se um abalo nas rotinas e modalidades de sociabilidade construídas a partir do ambiente de trabalho (Barisch, 2006). Os participantes manifestam sua percepção acerca dessas dificuldades:

“A gente vê um certo distanciamento. Eles estão lá trabalhando e eu estou na inatividade. O contato já não é mais o mesmo. Você sente que existe uma certa barreira. Mas para mim foi normal essa passagem para a reserva. Não foi traumática, foi tranquila. Foi algo que veio e aconteceu normalmente.” (P7)

“Quando fui embora, a gente sente falta, porque é sempre o mesmo ritmo, com os mesmos amigos. Eu já tive os meus problemas e a gente conversava com os mais íntimos. Ou eles tinham os problemas e conversavam com a gente. Um servia de confidente para o outro. Daquilo ali a gente sente falta. Mas uma hora ou outra teria que mudar aquela rotina do quartel. E a gente vai ter que saber conviver com isso. Então, para todo o ser humano, quando há uma mudança, há uma resistência, é normal. E aí tem que se habituar.” (P8)

Os sentidos atribuídos à passagem para a inatividade pelos participantes deste estudo apontam a tentativa de abrandar as frustrações decorrentes da crise vivenciada com a reserva. A descrição da *aposentadoria-recusa* proposta por Santos (1990) encontra ressonância na utilização freudiana do termo *negação*⁶. Freud (1925/1996) considera a negação como um mecanismo psíquico que indica um sinal da manifestação de conteúdos inconscientes. O autor assinala que

o conteúdo de uma imagem ou idéia reprimida pode abrir caminho até a consciência, com a condição de que seja *negado*. A negativa constitui um modo de tomar conhecimento do que está reprimido; com efeito, já é uma suspensão da repressão, embora não, naturalmente, uma aceitação do que está reprimido (p. 265-266).

A negação, segundo Freud (1925/1996), deriva de um julgamento intelectual por meio do qual o ego realiza uma agregação ou uma expulsão do conteúdo pulsional em concordância com o princípio do prazer. Laplanche e Pontalis (2001) descrevem a negação como uma forma especial de resistência, quando a caracterizam como um “processo pelo qual o sujeito, embora formulando um dos seus desejos, pensamentos ou sentimentos até então recalcado, continua a defender-se dele, negando que lhe pertença” (p. 293). Assim, a negação revela o reconhecimento de conteúdos inconscientes que se expressam em forma de negativa porque o sujeito não pode admiti-los.

O estudo realizado por Barisch (2006) parece contrapor a tranquilidade e a naturalidade anunciadas pelos participantes deste estudo e dar sustentação à hipótese de negação frente a conflitos próprios da passagem para a reserva. Mediante um questionário aplicado a militares da reserva da Aeronáutica, o autor constatou que 54% das opiniões dos participantes demonstraram ser habitual a ocorrência de dificuldades emocionais (estresse, alcoolismo, depressão, isolamento e senilidade) após a passagem para a reserva. A associação entre a reserva e problemáticas na saúde física foi indicada por 64% dos respondentes ao questionário. O índice de 86% foi apontado pelo autor como resultado da apuração de que a reserva é acompanhada de complicações sociais, como perda de *status* e de prestígio,

⁶ Na Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Imago Editora), o termo *negação* foi traduzido como *negativa*. No entanto, optou-se por manter o termo *negação* conforme o Vocabulário de Psicanálise de Laplanche e Pontalis (2001).

acomodação intelectual e exclusão social. Além disso, o autor também traz em seus estudos que, segundo dados da Diretoria de Saúde da Aeronáutica (DIRSA), no ano de 1999 se observou ser maior a demanda de atendimento psiquiátrico e/ou psicológico por militares da reserva do que por aqueles que ainda faziam parte do serviço ativo. Da mesma forma, o autor refere que grande parte dos médicos que trabalham em Hospitais da Aeronáutica associa a ocorrência de queixas que envolvem saúde psíquica à entrada na reserva.

Percebe-se, por meio das entrevistas realizadas, que há uma tentativa por parte dos militares no sentido de atenuar a crise psíquica decorrente da passagem para a reserva. Assim, há o reconhecimento de uma vivência acompanhada de dificuldades, ao mesmo tempo em que nota-se uma busca por compensações, tal como representado na fala do Participante 11:

“Como militar você participa de uma instituição, está trabalhando e está sendo responsável por um setor. De repente você sai fora! É um corte abrupto. Isso é um pouco complicado, porque o mais normal para o ser humano seria cortar as coisas aos poucos. Mas não tive nenhum problema. Não tive esse trauma de sair. Não sei o que é depressão. A gente racionaliza, pensa que não adianta, é assim. Não posso mudar isso, vou ter que me adaptar. Os outros estão passando por isso, eu vou passar também. E a gente vai preparando o caminho. Então você não vai se frustrar em cima disso. Então vamos para a frente, vamos pegar outra etapa.” (P11)

A possibilidade de racionalizar e a necessidade de “pegar outra etapa”, expressas pelo Participante 11, viabilizam recursos de compreensão da passagem para a reserva como um processo natural, mediante a aceitação do que não pode ser mudado, já que também acontece com os outros. Graeff (2002) demonstra a importância de um movimento individual de preparação no sentido de pensar acerca dos aspectos que envolvem o processo de aposentadoria. Tomar consciência sobre as mudanças advindas da passagem para a reserva constitui-se como um mecanismo de preparação, na tentativa de encontrar aspectos que facilitem essa vivência de ruptura. Assim expressa o Participante 10:

“Meus colegas foram saindo e eu sentia um vazio. Porque vai chegando uma turma nova, e já não é a mesma amizade. Imagina 10, 15, 20 anos de convívio, e de repente muda tudo! Então é complicado, dá um vazio esse negócio de ver os outros saindo. (...) Antes de eu sair da base, eu ia caminhar e já ia pensando assim: Bom, daqui mais um tempo eu não vou passar por aqui, não vou naquele prédio lá. Já ia mentalizando. Então fui me desligando automaticamente. Sem querer, querendo, tu vai se desligando.” (P10)

O vazio advindo da saída dos colegas pareceu antecipar o encontro com a falta que o próprio entrevistado sentiu no momento da sua saída. Macedo (2003), ao refletir sobre o sofrimento do homem contemporâneo, destaca a presença de um afastamento do sujeito em relação a si mesmo. O embaraço para falar a respeito do próprio sofrimento resultante da passagem para a reserva, seja mediante o uso da impessoalidade ou de recursos psíquicos tais

como a racionalização ou a negação, revela a dificuldade de reconhecer-se na condição de um sujeito em conflito.

Um questionamento acerca das tentativas contemporâneas de preservar a ilusão de uma vida sem percalços é realizado por Maia (2005), ao afirmar que “nessa imagem social construída para o sujeito, não existe lugar para afetos humanos básicos: a angústia e a tristeza são banidas do ideário pós-moderno” (p. 78). No entanto, ao longo das entrevistas surgem os conflitos subjacentes à passagem para a reserva. Entre as particularidades da vida militar, se destacam os princípios de ordem hierárquica e disciplina, configurando-se como crime militar o desrespeito à hierarquia.

Na profissão militar, segundo Barisch (2006), o sujeito é impedido de sindicalizar-se e de aderir à participação em greves mediante a concepção de que o militar “jamais deve contrapor-se à Instituição a que pertence e ao próprio Estado, devendo-lhes fidelidade irrestrita” (p. 24). As razões descritas pelos militares entrevistados como motivadoras da decisão pela reserva revelam que esse momento configura-se como uma modalidade de enfrentamento de conflitos vividos durante a vida na ativa. A decisão pela reserva motivada pela discordância com superiores hierárquicos é manifestada abaixo, no discurso dos participantes do estudo:

“Tem certos momentos da vida militar que a gente só pode dizer ‘não senhor’. ‘Não senhor’ por quê? Porque a gente tem razão. Que isso aí foi um dos motivos que me fez pedir a reserva. Eu tinha mais tempo para ficar, mas decidi ir para a reserva porque eu não estava aceitando as ideias que vinham de cima. Para não bater de frente com os de cima, eu resolvi sair.” (P1)

“Aí chegou um novo comandante com um outro pensamento, eu digo: Quer saber uma coisa? Já dei o sangue que eu tinha que dar e vamos encerrar por aqui.” (P8)

Nessas situações, solicitar a ida para a reserva constituiu-se como possibilidade de dizer “não senhor” para aquilo que não pode ser manifestado durante a vida de trabalho. O descontentamento é velado e desvela-se no momento da ruptura, quando não há tantos impedimentos para a emergência dos conflitos. Antecipar-se à saída compulsória parece facilitar o desligamento, entretanto revela uma esquivia ao momento de ser mandado embora da instituição. O Participante 4 expressa a fantasia de ter escolhido sair:

“Eu cheguei à conclusão que a instituição não está mais interessada em mim, então eu vou embora. Que a decisão está na tua mão. Vou decidir pela instituição ou por mim? A instituição daqui a pouco me joga fora. Eu vou salvar o meu lado. É automático, se você não pede, eles te mandam. É compulsório. Aí, eu só adiantei essa compulsória. Adiantei em seis meses.” (P4)

Nessa mesma perspectiva, a falta de reconhecimento também é outro aspecto citado pelos entrevistados como sendo um motivador para a decisão pela reserva. Sabe-se que ser reconhecido pelo trabalho realizado constitui-se como uma fonte externa de confirmação narcísica. Coelho (2010) ressalta o quanto as relações interpessoais na vida adulta têm a função de reeditar o valor do eu fornecido pelo olhar materno na infância. A autora considera que “a vida cotidiana também nos ensina o quanto a falta deste olhar pode trazer de irrealização e sofrimento no trabalho” (p. 30). Hornstein (2008), ao definir o narcisismo, destaca, entre outros aspectos, a “busca de autonomia e auto-suficiência perante os outros” (p. 27). O sujeito decide, então, romper com a instância que não mais agrega valor ao si mesmo, numa tentativa de evitar um abalo narcísico. Assim, no contexto militar, o término da possibilidade de progressão na carreira configura-se como um elemento da falta de reconhecimento, como mostram os seguintes entrevistados:

“Eu esperava que o final fosse diferente. Pelo próprio desempenho que eu tive, eu esperava um melhor reconhecimento por parte da Força. Mas como isso não aconteceu, resolvi solicitar a reserva e tomar um outro rumo. Então você se dedica uma vida toda àquela instituição e, no finalzinho, você não é bem-reconhecido. Então isso aí foi o que me fez acelerar as coisas.” (P9)

“Eu podia ficar mais tempo, mas ficar para quê? A nossa carreira fica estagnada e dali não sobe, não tem mais perspectiva de melhorar, não adianta. Então você tem que sair, porque aquilo ali é o batente, não tem progressão funcional. Eu saí da FAB meio chateado, porque você ficou 30 anos, chegou a um ponto, e estagnou.” (P7)

A passagem para a reserva parece configurar-se, em alguns casos, como um momento de manifestar a discordância ou de contestar um sistema até então inquestionável. A decisão pela reserva revela uma motivação subjacente, uma forma legalizada de enfrentamento dos conflitos por outro meio que não o uso da palavra. A utilização de mecanismos como a negação, a impessoalidade, a racionalização e a necessidade de buscar compensações e outros investimentos libidinais exhibe a complexa demanda de um trabalho psíquico frente às imposições contemporâneas diante do rompimento com a atividade laborativa. Nota-se a dificuldade para falar dos conflitos inerentes a uma vivência de crise, ao mesmo tempo em que o discurso manifesta, em sua especificidade, uma demanda de escuta.

Por meio de recursos que aludem a um certo distanciamento do sujeito em relação às emoções envolvidas na saída do mundo do trabalho, ou ainda, no intuito de manter sob controle os efeitos decorrentes de importantes decisões pessoais, os participantes do estudo permitiram verificar a importância da palavra nas diferentes tentativas de atribuir sentido à experiência de aposentadoria. Constatou-se a maneira pela qual um convite para participar de uma entrevista no cenário da pesquisa proporciona uma condição de escuta àquilo que está

além da racionalidade, não se restringindo à descrição de processos e padrões previstos e autorizados pela instituição militar. As entrevistas realizadas permitiram constatar que, por meio de falas que relatavam os processos da ida para a reserva, os participantes revelavam à entrevistadora, mesmo sem perceber, a existência de singulares “reservas” humanas a partir de cada experiência frente à aposentadoria. No campo dessa temática, apresenta-se a terceira categoria final, chamada *O recurso da escuta na pesquisa desvelando a reserva do sujeito*, a qual derivou das categorias iniciais e intermediárias expostas no quadro a seguir:

Quadro 4. Dados referentes à Categoria Final 3

Categorias Iniciais	Categorias Intermediárias	Categorias Finais
Referências ao modo de ser na vida, ao relatar atividades do trabalho	Fronteiras invisíveis entre vida pessoal e vida militar	O recurso de escuta na pesquisa desvelando a reserva do sujeito
Necessidade de compartilhar conflitos vividos durante o trabalho na ativa		
Reflexões pessoais sobre frustrações da carreira		
Desabafo sobre o descontentamento com a instituição		
Apreensão com dificuldades pessoais/familiares		
Angústia frente a dificuldades na relação conjugal		
Questionamentos acerca da criação dos filhos		
Inquietação com a finitude da vida	Tons do devir: a reserva possibilitando o processo de historização e ressignificação da história pessoal	
Dificuldade em ver os outros fazendo o seu trabalho		
Desejo/necessidade de preservar a identidade militar após a passagem para a reserva		
Reserva causando alteração nos papéis sociais e privados		
Passagem para a reserva causando sentimento de apreensão e preocupação nas esposas		
Passagem para a reserva possibilitando um maior envolvimento com a família		
Surge a necessidade de aproveitar o tempo de vida		
A forma como a pessoa encara a passagem para a reserva depende da forma como ela encarou a vida de trabalho		

Percebe-se que, a partir do convite para o relato de aspectos acerca das vivências relativas ao mundo do trabalho e frente ao impacto emocional de passagem para a reserva, outros questionamentos e inquietações vêm à tona, consistindo numa demanda de escuta. A utilização da entrevista do tipo semiestruturada como instrumento de coleta de dados, de acordo com Turato (2003), assegura ao pesquisador a obtenção de todas as informações requeridas, ao mesmo tempo em que permite ao entrevistado a liberdade para atribuir significados ao que lhe é central. Para Nunes (2005), a entrevista na pesquisa caracteriza-se como uma modalidade de interação produtora de trocas sociais, em função do seu caráter de conversação. A autora realiza uma diferenciação entre os objetivos dos dois polos da conversa, sendo que, para o pesquisador, a meta da entrevista está em realizar questionamentos e obter respostas sobre o tema pesquisado. O sujeito entrevistado, por sua

vez, demonstra intenções menos específicas, as quais, segundo a autora, podem se relacionar a aspectos como “mostrar-se bem, aprender algo sobre si mesmo, acabar logo com a tarefa” (Nunes, 2005, p. 208).

Uma reflexão a respeito da potencialidade da entrevista clínica é realizada por Macedo e Carrasco (2005). As autoras compreendem a entrevista como uma modalidade de diálogo que ocorre a partir de um espaço intersubjetivo presente em toda a relação humana. Sabe-se que a entrevista clínica possui particularidades que a diferenciam de uma entrevista na pesquisa. Aquela se encontra necessariamente atravessada por uma relação de ajuda, enquanto que nesta isenta-se o requisito da assistência. Entretanto, a entrevista na pesquisa pode se valer de uma importante característica atribuída pelas autoras à entrevista clínica: o acesso àquilo que se situa para além da comunicação pela palavra. A conversa estabelecida em um contexto de entrevista, segundo as autoras, “cria condições para que, mediante a criação de um espaço de diálogo, se tenha acesso à subjetividade em forma de discurso” (Macedo & Carrasco, 2005, p. 22).

O espaço da entrevista com os participantes do estudo possibilitou uma aproximação às significações particulares desses sujeitos no que diz respeito à maneira pela qual aspectos da vida pessoal e da vida laboral encontravam-se mesclados em suas vidas. Nesse sentido, em muitos momentos as fronteiras entre aspectos pessoais e laborais ficaram invisíveis. Nota-se, nas palavras dos participantes, o quanto a história de vida se entrelaça com a história de vida no trabalho:

“Em certos momentos da vida eu fui chato demais. Procurei sempre ser competente. Eu trabalhei com prestações de conta e era depositado dinheiro da Aeronáutica no meu nome, para gastar em fins específicos. Muitas vezes, eu era a referência dessa posição, exatamente por ser bastante metódico e detalhista em tudo.” (P2)

“Eu trabalhava em um ambiente livre. Não era confinado, tinha um pátio onde a gente plantou árvores frutíferas. Era como se fosse a minha casa. Eu começava o expediente às 9 horas da manhã, mas eu chegava lá 15 para as 8, para poder sentar lá embaixo das árvores e tomar um chimarrão.” (P6)

“Aconteceu comigo uma coisa inusitada. O avião estava pronto na pista e o aeroporto parou por seis horas, por causa de um pneu furado. Então foi um caos! Aí, para tirar o avião do lugar, tivemos que empurrar. Acho que tu não vai encontrar ninguém que tenha nada igual. Para mim foi uma emoção! Então a gente empurrou o avião por mais de 800 metros, até chegar na cabeceira, e liberou o aeroporto. Tem um livrinho lá para ler, lá no meu histórico.” (P12)

O relato sobre o cotidiano do trabalho revela o modo de ser do sujeito. Sabe-se que por trás da palavra há um sujeito que, ao proferi-la, diz mais do que inicialmente se propunha. Laplanche e Pontalis (2001) definem que a palavra produz caminhos associativos, ao

afirmarem que “uma ‘idéia que ocorre’ ao sujeito, aparentemente de forma isolada, é sempre, na realidade, um elemento que remete, conscientemente ou não, para outros elementos. Descubrem-se assim séries associativas” (p. 37). Para os autores, o mecanismo da associação relaciona-se às ligações entre elementos psíquicos por meio do deslocamento de energias de investimento. Por meio de associações, a narrativa dos entrevistados acerca de acontecimentos vividos no âmbito da vida laborativa desperta a necessidade de compartilhar experiências de conflito no trabalho, frustrações na carreira e descontentamento com a instituição. Assim, os participantes trazem em suas falas queixas quanto a expectativas pessoais frustradas no mundo do trabalho:

“Eu imaginava que ia estar melhor. Porque, na época, as promoções eram de quatro em quatro anos, passou para de sete em sete. Eu esperava coisa melhor. E o salário, eu não esperava que caísse tanto assim também. Nossa!” (P13)

“Eu já estava com 32 anos e meio e eu só vi tirarem meus direitos. Porque você só tem direito depois que você exercer ele. Então, a princípio eu podia continuar aí mais dois, três, quatro, cinco anos; mas eu preferi sair, porque daqui a pouco vão me tirar mais coisas.” (P12)

“Chegou um chefe lá na nossa seção que não sabia nada. Antes disso, tudo era conversado. E o cara chegou lá e começou a mandar. E só mandava. E aí degradingou tudo! Ele desuniu toda a seção. Ele desagregou a seção. Aí ele começou a competir comigo. Resumo: com dois meses na reserva, eu estava respondendo um processo administrativo. Eu passei 24 anos com uma imagem. E depois que ele entrou, em questão de três, quatro meses, quebrou tudo! A parte mais triste da minha vida militar foi aquela ali.” (P6)

Observa-se que, a partir do relato acerca das vivências conflituosas no contexto do trabalho, a complexidade de uma história singular se impõe. Rocha (2008), ao realizar uma reflexão a respeito da experiência psicanalítica, destaca que esta contempla um modelo para as experiências humanas em geral. O autor afirma que a experiência analítica caracteriza-se, entre outros aspectos, pela “força criativa da palavra, capaz de significar e (re)significar, no dinamismo da transferência, as experiências passadas” (Rocha, 2008, p. 106). Sabe-se que a realização de uma entrevista num contexto de pesquisa não se configura como uma experiência psicanalítica. No entanto, em ambas as situações, se dá um encontro intersubjetivo que privilegia a linguagem falada e escutada. Pode-se perceber que, na fala dos participantes sobre o trabalho e a aposentadoria, emerge um pedido de escuta sobre questionamentos acerca de assuntos que se situam no espaço privado:

“Eu casei novo e a minha esposa trabalhava. Tínhamos um monte de planos. Mas daí nasceu o meu filho, e as convulsões começaram quando ele tinha seis meses. Daí todo aquele sonho que a gente tinha, aqueles planejamentos, tudo começou a mudar. A minha esposa teve que sair do trabalho para cuidar dele, porque eram muitas convulsões diariamente. Às vezes fico pensando que, para aguentar isso aí... 20 anos tendo convulsões, tratamento médico, pneumonia, infecção...” (P10)

“A minha vida particular também estava muito em conflito, porque ela queria separação e eu dizia que não. Eu não conseguia conversar com a ex-esposa. Não tinha conversa, não tinha diálogo. Entre entregar o resto da minha vida para uma pessoa que não vai conversar comigo, eu fico sozinho e ainda consigo gente para conversar. Criei uma vida minha também, que era uma coisa que antes era uma vida em família, agora não é mais.” (P12)

“Depois da reserva, tive um problema. Apareceu um câncer de próstata que eu operei ano passado. Além da cirurgia, tive que fazer uma complementação com radioterapia. Foi uma situaçãozinha bem chata, mas está sendo contornada. Até agora está tudo bem, mas a gente está sempre desconfiado. Não se espera, as coisas não são como a gente planeja. Depois que aparece, passa a ter aquela marca.” (P5)

A entrevista parece estabelecer-se como um espaço de desabafo, uma tentativa de ter acesso a algum tipo de significação para vivências angustiantes. Por meio da expressão da palavra, percebe-se a insistência do conflito em ser escutado e elaborado. Segundo Laplanche e Pontalis (2001), a elaboração psíquica consiste numa “expressão utilizada por Freud para designar, em diversos contextos, o trabalho realizado pelo aparelho psíquico com o fim de dominar as excitações que chegam até ele e cuja acumulação corre o risco de ser patogênica” (p. 143). A palavra e a escuta possibilitam este trabalho psíquico de dar um sentido a uma experiência, ao integrar o excesso de excitações por meio da ligação da angústia circulante via associação. Os autores definem que, apesar de a elaboração constituir-se como um mecanismo característico do tratamento analítico, ela apresenta-se no cotidiano, como um “modo de funcionamento espontâneo do aparelho psíquico” (Laplanche & Pontalis, 2001, p. 144). Assim, os discursos produzidos e a escuta oferecida nas entrevistas inauguraram, para alguns participantes, uma tentativa de elaboração psíquica de situações conflitivas, como demonstra a seguinte fala:

“A senhora pode até cortar isso aqui, mas vai ser um despejo meu. Depois a senhora faz os cortes, aproveita o que ficou bom. É bom a gente às vezes conversar. Porque o meu pai pegava e dava em mim com cabo de vassoura e relho, eu vou pegar os meus e vou fazer a mesma coisa? Não. Eu vou tentar conversar. Bah, minha pele ardeu. E nunca precisei bater nos filhos, e até hoje são todos amigos meus.” (P8)

A fala sobre a passagem para a reserva despertou, nos sujeitos entrevistados, uma inquietação com a finitude das coisas e da vida. A percepção de que o aposentado e o velho situam-se à parte dos processos produtivos aproxima o significado social da aposentadoria e da velhice. Segundo Froemming (2000), a velhice “afasta-nos dos negócios, tira-nos as forças, priva-nos de quase todos os prazeres e aproxima-nos da morte” (p. 158). Na concepção de Santos (1990), o período de aposentadoria tem o significado de uma estagnação na vida do sujeito que remete à certificação de um fim. Também para Costa e Soares (2009), “o parar de trabalhar está diretamente relacionado ao sentimento de fim da vida. Se trabalhar é viver, a vida sem trabalho denota finitude, simbolizando a impossibilidade de continuar interagindo,

participando, vivendo em sociedade” (p. 103). Observa-se, a partir do discurso dos participantes deste estudo, que o efeito psíquico do rompimento com a vida laboral relaciona-se à percepção da transitoriedade do trabalho, das coisas e da vida:

“Mas é a vida. Tudo que tem começo, tem um fim, uma hora tem que definir. Só que é difícil o ser humano aceitar tudo isso. E tem muita gente que não aceita nunca.” (P9)

“Enquanto seguem os anos, a gente pensa que essa opção é sempre distante, sempre longe. É uma situação, realmente, um pouco inacreditável. Poxa vida, será mesmo?! Já chegou ao fim?! Chega na hora, e a gente fica pensando que poderia ficar mais um ano. Mas para quê? Também vai acabar.” (P11)

“Tenho muito amigo que já tinha tempo para ir embora junto comigo e quis ficar até o final. Mas qual é a diferença? O cara vai ir embora de qualquer jeito. Vai chegar no fim. Tudo tem um fim, não adianta ficar. Então o quartel, para mim, foi uma passagem. E agora eu estou na outra vida, em outra passagem.” (P8)

A referência a iniciar uma outra vida após a passagem para a reserva consta, também, nos achados da pesquisa de Graeff (2002) acerca das representações sociais da aposentadoria. O autor expressa que uma segunda vida, uma vida sem trabalho, pode ser caracterizada como o fim da vida produtiva ou como um recomeço. Por ora, volta-se a atenção para o que termina na vida do sujeito em decorrência do afastamento da vida laboral. Para Costa e Soares (2009), “o aposentado vê-se desprovido de um lugar e, ao mesmo tempo, é substituído por alguém com todas as capacidades que ele foi obrigado a abdicar ou teve que reprimir” (p.102). O impacto de se perceber afastado daquilo que era antes seu cotidiano é relatado pelos participantes:

“Até ontem, eu era responsável por isso aqui. Eu mandava aqui. Eu tinha que fazer tudo isso aqui. Hoje já não. Não dá nem para entrar lá, se eles não quiserem. Então isso é um pouco complicado de a gente administrar.” (P11)

“Eu chegava em casa bem apavorado. A maneira de tu trabalhar, aquela rotina, e daí de repente tu sente falta, tu estranha, tu vê outra pessoa fazendo o teu serviço de forma diferente, sei lá. Tu tem que se adaptar a essa nova realidade.” (P10)

“Fui passando para os outros, mas foi uma coisa difícil de lidar, porque alguém teria que fazer no meu lugar.” (P12)

A perda de um importante objeto de investimento psíquico que se configura, durante boa parte da vida, como um parâmetro das identificações é acompanhada de um impacto narcísico. Segundo Lear (2007), o deixar de ter coisas para fazer implica um deixar de ter coisas para ser. Assim, o término da atividade de trabalho questiona a identidade do sujeito (Carlos et al., 1999; Costa & Soares, 2009; Santos, 1990) e exige uma modificação nos sistemas representativos do eu (Jerusalinsky, 2000). Para Santos (1990), este momento de afastamento da vida laboral caracteriza-se como uma experiência de perda, na medida em que

compromete os pontos de referência identificatórios propiciados pelo trabalho e pela identidade profissional. A partir do discurso dos entrevistados, observa-se a dificuldade em romper com a identidade militar na reserva:

“Mas a gente sente, porque já teve dias que eu acordei de manhã e já fui procurar onde é que estava o meu sapato e a minha farda. E quando me perguntam qual é a minha profissão, eu não preciso responder que sou aposentado. Eu posso dizer que eu sou militar, porque, mesmo na reserva, eu não deixo de ser militar.” (P3)

“Quando eu estou na ativa eu tenho uma farda, e em qualquer lugar que eu passar fardado as pessoas estão vendo um suboficial, um militar. A partir do momento que eu tiro ela, eu passo a ser mais um. Ninguém sabe quem eu sou na rua. Então se perde uma parte, porque tu passou 30 anos sendo visto de uma maneira. De repente tu tira a farda, ninguém mais te vê como militar.” (P5)

Diante do questionamento identificatório advindo do afastamento da vida laborativa, Santos (1990) destaca que, ao deixar de exercer a atividade profissional, o sujeito “terá que refazer sua identidade, interiorizar novos papéis, procurar novos objetivos para sua vida. No momento em que é obrigado a se desfazer do seu papel profissional, ele deverá dar início a um processo de reestruturação de sua identidade” (Santos, 1990, p.13). Nesse sentido, cabe referir a compreensão de Graeff (2002) acerca da aposentadoria como um tempo de recomeço. Para o autor, recomeçar após a aposentadoria significa possibilitar um espaço para “novas práticas que tomem o lugar das atividades anteriores, ocupando um tempo que é sinônimo de ausência” (Graeff, 2002, p. 29).

O período pós-aposentadoria como um recomeço também é apontado por Costa e Soares (2009), ao afirmarem a necessidade de “resgatar outras atividades, as quais podem, inclusive, propiciar mais prazer do que as anteriores, estabelecer novos laços afetivos, descobrir ou redescobrir desejos, enfim, ter novos projetos de futuro” (p. 103). Sendo assim, a passagem para a reserva configura-se como um momento reinvenção narcísica, pois, mediante o rompimento com o mundo do trabalho, o sujeito se obriga a reorganizar as identificações que estruturam o eu. Para Santos (1990), o mundo familiar configura-se como um meio privilegiado para as novas identificações, em função da acentuação de novos papéis no ambiente doméstico. Nas declarações dos entrevistados, podem-se perceber as modificações identificatórias decorrentes da reserva e propiciadas pela vida em família:

“O cara aposentado muda de nome. Vira ‘já que’: ‘Já que tu não está fazendo nada, vai ao supermercado’; ‘Ah, pai! Já que tu vai ficar em casa, vai lá e paga uma conta para mim, daí eu não preciso sair do serviço.’; ‘Ah, pai! Já que tu está em casa, então me pega no colégio de tardezinha.’. Esse é o ‘já que’. Quando o cara vai para a reserva, muda o nome, vira ‘já que’.” (P1)

“Para as minhas filhas não mudou nada, porque elas trabalham, então elas continuam me vendo só de noite. Para a mulher ficou um pouco mais chato, porque tu está mais perto e tu acaba até interferindo na administração da casa.” (P4)

Ao refletir sobre os movimentos psíquicos intersubjetivos, Maia (2005) conceitua que os processos de simbolização encontram-se vinculados a um *campo de afetação*. Segundo a autora, o afetar e ser afetado no encontro com o outro possibilita a criação de um espaço de apreensão e criação de sentidos. Hornstein (2008) aponta a importância dos vínculos atuais na (re)significação da história do sujeito. O desinvestimento de um modelo identificatório alicerçado no trabalho encontra, na aposentadoria, o espaço familiar como estruturante de novos investimentos. A vida em família configura-se, então, como o principal objeto de investimento na reserva, possibilitando o resgate de laços afetivos e do valor narcísico, como demonstram os entrevistados:

“Quando minha filha nasceu, eu tinha pouco tempo para conviver com ela. Então eu estou dedicando isso a ela agora. O contato com as minhas filhas e com a minha esposa melhorou. Porque ela sai para trabalhar e eu fico em casa. Levo a minha filha para o colégio, trago do colégio, levo para o cursinho, trago do cursinho, levo para a nataçã, trago da nataçã. Então dou um suporte para elas.” (P7)

“Minha mãe teve um AVC, aí deu correria e seguidamente ela tinha que estar indo para o hospital. A casa dos meus pais era de madeira, puro cupim, estava meio que caindo já, e o pai tinha uma outra casa, numa outra rua, de aluguel, onde ele só se incomodava com o pessoal que não pagava, que destruía, enfim. Então, nesse ponto, foi interessante eu estar ali.” (P13)

O conceito de *a posteriori* pode auxiliar na compreensão do processo de significação. Laplanche e Pontalis (2001) definem que as experiências que não foram acomodadas em um contexto de significados podem ser remodeladas em função de novas vivências que conferem às primeiras “um novo sentido, uma eficácia psíquica” (p. 33). Este segundo tempo da significação é apontado pelos autores como o *a posteriori* da teorização freudiana. Assim, a vivência de um novo acontecimento permite uma nova elaboração daquilo que não pode ser integrado aos processos psíquicos de simbolização. Hornstein (2008) destaca o quanto o processo de *historização simbolizante*, por meio da lembrança partilhada e transmitida, bem como da palavra dita e escutada, configura-se como uma experiência singular. Em relação à aposentadoria, Santos (1990) ressalta que a vivência do sujeito diante do rompimento com o mundo do trabalho encontra-se diretamente influenciada “por sua história de vida, suas relações com a sociedade, sobretudo com o papel profissional e seu modo de enfrentar as perdas e de se adaptar às novas situações” (Santos, 1990, p. 13). Assim, viver a reserva e falar sobre ela expressam a singularidade e a complexidade dos processos

psíquicos. Para os entrevistados, a maneira como o sujeito encara a passagem para a reserva depende da forma como ele encarou a sua vida no trabalho:

“Algumas pessoas já tinham problemas antes, acho que vai muito disso. A pessoa que leva a carreira numa boa consegue sair numa boa. A pessoa que leva a carreira de forma tumultuada, ela não tem um fim bom. E aí tudo muda. (P11)

“Cada pessoa, cada um que você entrevistar, vai colocar de uma certa maneira em função do que ele viveu enquanto estava na ativa.” (P9)

A vivência da reserva e a experiência de falar sobre ela parecem promover um movimento de (re)significação de toda uma história de vida. Surge a possibilidade de fazer um balanço do que foi cumprido em relação ao ideal e dos projetos que ficaram para trás e podem ser resgatados. Hornstein (2008) ressalta que “é a partir dos sucessos, das relações, da história, do presente e, sobretudo, do futuro que cada um procura esclarecer quanto vale o ego” (p.25). No artigo *Sobre a transitoriedade*, Freud (1916[1915]/1996) apresenta uma reflexão a respeito do impacto emocional ocasionado pela guerra. O autor destaca a presença de um desejo humano de imortalidade aliado à constatação de que as coisas, por mais valiosas que sejam, não duram para sempre. A observação freudiana acerca do que é efêmero apresenta um teor otimista ao acreditar na capacidade humana para a reconstrução. O autor afirma que “o valor da transitoriedade é o valor da escassez no tempo. A limitação da possibilidade de uma fruição eleva o valor dessa fruição” (Freud, 1916[1915]/1996, p. 317). Nessa perspectiva, apreender o sentido da finitude ampara e incrementa a possibilidade de desfrutar aquilo que se situa tanto no presente quanto no futuro.

O desenvolvimento e a preservação da capacidade psíquica para buscar novas e criativas formas de conviver com as manifestações conflitivas constitui-se, segundo Lear (2007), como resultado de um trabalho elaborativo. Para o autor, a elaboração configura-se como um processo psíquico que permite a (re)orientação do ser humano em direção ao desafio de potencializar suas condições de ir ao encontro da prosperidade. Novos deslocamentos sublimatórios são necessários para a incidência de novas possibilidades criativas e produtoras de satisfação. Assim, a fala dos entrevistados denuncia a existência de questionamentos e reflexões que conduzem a projetos de recomeço mediante a constatação de que ainda há tempo para viver:

“Esse ano eu completo 50 anos de vida. E a média de vida do brasileiro é 76 anos. Na minha ideia, tenho mais 26 anos de vida para viver. Então, desse pouco de vida que eu tenho ainda, eu tenho que aproveitar o máximo. O que que eu vou aproveitar? Eu quero viver do lado da minha esposa, viver com os meus filhos, quero ver meus filhos bem criados.” (P1)

“Você indo para a reserva, você tem que começar a participar de associação política, associação da igreja, associação do bairro, síndico do prédio, sei lá. (...) Eu faço alguns bicos de assessoria por aí, faço parte de um grupo do pessoal da reserva que joga bola. Eu, inclusive, agora vou dar aula de voluntário. Me inscrevi ali na prefeitura, gosto de matemática, conheço logística e quero ajudar os outros.” (P4)

“Eu não consigo ficar parado, eu tenho que fazer alguma coisa sempre. Agora, depois que terminou a reforma da casa, comprei uma moto batida. Desmontei tudo e pintei. Ela já está quase pronta, vou vender.” (P13)

“Agora eu tenho mais tempo para mim e agora eu tenho que cuidar da minha saúde. E vamos aproveitar, porque a gente nunca sabe o dia de amanhã.” (P8)

Percebe-se, portanto, que a integração do passado e a manutenção de projetos de futuro configuram-se numa tentativa de dar sentido à própria vida. Segundo Hornstein (1989), a ausência de projetos é uma das causas de grandes vivências de crise. Nesse sentido, pode-se apreender, a partir das entrevistas, a importância da palavra em sua função de mediação. Costa (1997) define que mediar significa criar uma ligação entre o passado (não mais) e o futuro (não ainda). A palavra, segundo o autor, possibilita um novo começo por meio da apropriação do passado e da legitimação do futuro. Nesse contexto, a palavra põe em cena uma história que deseja ser escutada. Macedo e Falcão (2005) escrevem que “Freud inaugura novos tempos: o tempo da palavra como forma de acesso por parte do homem ao desconhecido em si mesmo e o tempo da escuta que ressalta a singularidade de sentidos da palavra enunciada” (p. 65).

As entrevistas realizadas neste estudo, apesar de não se configurarem como uma situação de encontro analítico, viabilizaram que os participantes relatassem experiências da vida laboral entrelaçadas com temáticas que traduziram o que está além de etapas na passagem para a aposentadoria. A relevância dos temas emergentes nessa condição permite afirmar a importância da experiência humana ao se desvincular das atividades laborais e ser desafiado quanto ao rumo de seus investimentos psíquicos a partir de então. Abriu-se caminho para o inesperado e os entrevistados puderam historiar as singularidades da sua reserva, do seu capital psíquico e afetivo.

Considerações finais

Esta seção empírica se propôs a uma reflexão a respeito da vivência da aposentadoria masculina na especificidade do contexto militar, por meio de entrevistas realizadas com militares. O processo de aposentadoria é compreendido a partir de uma diversidade de ênfases teóricas na área da Psicologia. Assim, a Psicanálise não pode se eximir de contribuir na discussão acerca das relações estabelecidas entre o homem, o contexto

laboral e a decorrente experiência da aposentadoria.

A Psicanálise desvela as matizes singulares de uma experiência que tem funções além do sustento financeiro. O trabalho consolida-se como suporte do valor da imagem de si mesmo e também de promotor de importantes relações no campo intersubjetivo. Assim, a teoria psicanalítica oferece um pano de fundo para a compreensão dos conflitos impostos pela situação de aposentadoria decorrentes da função que exerce o trabalho no processo de constituição identitária dos sujeitos. No caso específico dos militares, existe ainda a exigência de uma dedicação permanente, sendo que, mesmo após a aposentadoria, o militar segue na *reserva*, mostrando uma disponibilidade constante, a qual pode vir a dificultar o investimento emocional em outros objetivos de vida.

Partindo da concepção de que as experiências subjetivas não se encontram desvinculadas do contexto sociocultural em que acontecem, o impacto de um importante rompimento parece ser silenciado pelas exigências contemporâneas. Os tempos atuais destacam valores associados a aspectos como juventude, produção, sucesso pessoal e profissional. Nessa configuração, ocupar um lugar de não trabalho afasta o sujeito da participação social. O conflito e o sofrimento decorrentes da ruptura com a atividade laboral não podem ser manifestados, pois revelam a incapacidade de uma exibição estética própria da contemporaneidade. Talvez, justamente nessa exclusão (ou negação) da presença das dores e questionamentos provocados pela aposentadoria, resida sua fonte de sofrimento psíquico. Uma vez sendo a palavra um recurso fundamental de elaboração psíquica, a ausência de condições de nomeação de aspectos ligados à vivência de ruptura com a vida laboral pode constituir uma fonte de mal-estar emocional para o sujeito.

As três categorias resultantes da análise dos dados encontrados neste estudo permitiram identificar a complexidade e a singularidade da passagem para a reserva, decorrentes das particularidades com que se reveste o exercício das funções militares. Ainda que fazendo parte de um contexto específico, as falas dos entrevistados neste estudo encontraram ressonância nas pesquisas acerca da aposentadoria no âmbito civil. Verificou-se, por parte dos militares, a necessidade de atribuição de sentidos e a busca por compensações diante das frustrações impostas pela passagem para a reserva. A utilização de mecanismos psíquicos para afastar do si mesmo a percepção da aposentadoria como uma vivência de crise foi revelada pelos participantes. A forma como esse processo é conduzido pelos militares denota a presença de motivações localizadas para além da racionalidade, cujas manifestações foram favorecidas na ocasião da entrevista semiestruturada mediante o constante estímulo à fala dos participantes e o cuidado referente às condições de escuta.

Tanto a vivência da passagem para a reserva quanto a possibilidade de falar sobre ela demonstram a necessidade de realização de um trabalho por parte do psiquismo. A partir do desinvestimento na atividade profissional e da busca por novos objetos para investir a catexia libidinal, os sujeitos desta pesquisa puderam, por meio de um processo elaborativo, historiar e ressignificar aspectos tanto da vida laboral quanto da vida pessoal. Contar uma história sobre o passado e projetar uma história para o futuro despertou, nos militares entrevistados, a percepção de que é possível recomeçar. O recomeço envolve o encontro de novas formas de continuar exercendo a capacidade sublimatória.

Os resultados e a discussão realizados neste estudo não se propõem a esgotar o conhecimento sobre as vivências decorrentes da relação homem/trabalho. Ao contrário disso, o trabalho com o material obtido e as leituras que deram sustentação à exploração do tema permitem afirmar a complexidade desse fenômeno e também a contribuição decorrente de ações que promovam uma reflexão sobre este momento de vida. A aposentadoria pode constituir-se em um rico momento de avaliação e de construção de novas metas na vida de uma pessoa. Assim, cabe ressaltar a validade de uma constante interrogação acerca de fenômenos humanos que parecem ocorrer na contramão das demandas de ocupação, produtividade e *performace*, tão frequentes nos tempos atuais. Resgatar o valor de uma história profissional e das conquistas e/ou dificuldades que nela se presentificaram contribui para a possibilidade de encerrar satisfatoriamente um ciclo de investimentos na vida, sem que isso ocasione o esvaziamento do eu. Ao contrário, apropriar-se da história do si mesmo e elaborar conflitos podem e devem sustentar investimentos no devir.

Referências

- Abreu, G.C.R. (2010). De trabalho e de sujeito enigmático: articulações teóricas para estabelecer a discussão sobre o trabalho. In: *Correio da APPOA*, 188, 37-44.
- Amarilho, C.B. (2005). *As implicações da perspectiva de afastamento do trabalho e projeto de vida no discurso do executivo-empresário-idoso*. Dissertação de mestrado não publicada, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Psicologia, Porto Alegre.
- Arantes, M.A.A.C. (1998). Vida e morte no trabalho. In: R.M. Volich, F.C. Ferraz & M.A.A.C. Arantes (Orgs.), *Psicossoma II: Psicossomática Psicanalítica* (pp. 155-162). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Aulagnier, P. (1985). *Os destinos do prazer – alienação, amor paixão*. Rio de Janeiro: Imago.
- Bardin, L. (1991). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Barisch, E.J.A. (2006). *Preparação para a reserva: necessidade estratégica para a Aeronáutica*. Dissertação de mestrado não publicada, Universidade da Força Aérea, Mestrado em Ciências Aeroespaciais, Rio de Janeiro.
- Birman, J. (2007). *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação* (6ª ed.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Bodgan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Both, T.L. & Carlos, S.A. (2005). Jubilamento: o interdito de uma vida de trabalho e suas repercussões na velhice. In: *Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, 30-42.
- Carlos, S.A., Jacques, M.G.C., Larratea, S.V. & Heredia, O.C. (1999). Identidade, aposentadoria e terceira idade. In: *Estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento*, 1, 77-88.
- Coelho, R. (2010). A psicanálise nas organizações: seus fundamentos, seus desafios. In: *Correio da APPOA*, 188, 27-36.
- Costa, A.B. & Soares, D.H.P. (2009). Orientação psicológica para a aposentadoria. In: *Revista Psicologia: Organizações e Trabalho*, 9(2), 97-108.

- Costa, J.F. (1997). *Não mais, não ainda: a palavra na democracia e na psicanálise*. Acessado em 10 de dezembro de 2010, disponível em <http://jfreirecosta.sites.uol.com.br/>
- Coutinho, M.C., Krawulski, E. & Soares, D.H.P. (2007). Identidade e trabalho na contemporaneidade: repensando articulações possíveis. In: *Psicologia & Sociedade*, 19, Edição Especial 1, 29-37.
- Debord, G. (1997). *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto.
- Dockhorn, C. & Macedo, M. (2008). A complexidade dos tempos atuais: reflexões psicanalíticas. In: *Revista Argumento Psicologia*, 54(26), 217-224.
- Enriquez, E. (1999). Perda do trabalho, perda da identidade. In: M. R. Nabuco e A. C. Neto (Orgs.), *Relações de trabalho contemporâneas* (pp. 69-83). Belo Horizonte: IRT (Instituto de Relações do Trabalho) da PUC Minas.
- França, L.H.F.P. & Soares, D.H.P. (2009). Preparação para a aposentadoria como parte da educação ao longo da vida. In: *Psicologia Ciência e Profissão*, 29(4), 738-751.
- Freud, S. (1905/1996). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: J. Strachey (Ed. & Trad.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 7, pp. 119-229). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1910/1996). Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância. In: J. Strachey (Ed. & Trad.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 11, pp. 67-141). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1911/2004). Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico. In: L.A. Hanns (Ed. & Trad.), *Obras Psicológicas de Sigmund Freud – Escritos sobre a psicologia do inconsciente* (Vol. 1, pp. 63-77). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1914/2004). À guisa de introdução ao narcisismo. In: L.A. Hanns (Ed. & Trad.), *Obras Psicológicas de Sigmund Freud – Escritos sobre a psicologia do inconsciente* (Vol. 1, pp. 95-131). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1915/1996). Luto e melancolia. In: J. Strachey (Ed. & Trad.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 14, pp. 243-263). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1915/2004). Pulsões e destinos da pulsão. In: L.A. Hanns (Ed. & Trad.), *Obras Psicológicas de Sigmund Freud – Escritos sobre a psicologia do inconsciente* (Vol. 1, pp. 133-173). Rio de Janeiro: Imago.

- Freud, S. (1916[1915]/1996). Sobre a transitoriedade. In: J. Strachey (Ed. & Trad.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 14, pp. 313-319). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1920/1996). Além do princípio do prazer. In: J. Strachey (Ed. & Trad.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 18, pp. 11-75). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1921/1996). Psicologia de grupo e a análise do ego. In: J. Strachey (Ed. & Trad.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 18, pp. 77-154). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1923/1996) O ego e o id. In: J. Strachey (Ed. & Trad.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 19, pp. 13-80). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1925/1996). A negativa. In: J. Strachey (Ed. & Trad.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 19, pp. 261-269). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1930/1996). O mal-estar na civilização. In: J. Strachey (Ed. & Trad.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 21, pp. 65-148). Rio de Janeiro: Imago.
- Froemming, L.S. (2000). Morangos silvestres: o trabalho de rememorar. In: APPOA (Associação Psicanalítica de Porto Alegre), *O valor simbólico do trabalho e o sujeito contemporâneo* (pp. 157-161). Porto Alegre: Artes e Ofícios.
- Graeff, L. (2002). Representações sociais da aposentadoria. In: *Textos sobre envelhecimento*, 4(7), 19-34.
- Hornstein, L. (1989). *Introdução à Psicanálise*. São Paulo: Editora Escuta.
- Hornstein, L. (2008). *As depressões: afetos e humores do viver*. São Paulo: Via Lettera: Centro de Estudos Psicanalíticos.
- Jerusalinsky, A. (2000). Prefácio. In: APPOA (Associação Psicanalítica de Porto Alegre), *O valor simbólico do trabalho e o sujeito contemporâneo* (pp. 09-10). Porto Alegre: Artes e Ofícios.

- Laner, A. S. (2005). *Psicologia e trabalho na história: da apropriação do tempo à busca da felicidade*. Ijuí: Ed. Unijuí.
- Laplanche, J. & Pontalis, J.B. (2001). *Vocabulário da psicanálise* (4ª ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Lasch, C. (1983). *A cultura do narcisismo*. Rio de Janeiro: Imago.
- Lear, J. (2007). Elaborar o fim de uma civilização. In: *Revista Brasileira de Psicanálise*, 41(1), 137-153.
- Macedo, M.M.K. (2003). Uma leitura psicanalítica sobre o sofrimento na pós-modernidade. In: P. Guareschi; A. Pizzinato, L. Krüger & M. Macedo (orgs.), *Psicologia em questão: reflexões sobre a contemporaneidade* (pp. 163-175). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Macedo, M.M.K. & Carrasco, L.K. (2005). A entrevista clínica: um espaço de intersubjetividade. In: M. Macedo & L. Carrasco (orgs.), *(Con)textos de entrevista: olhares diversos sobre a interação humana* (pp. 19-32). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Macedo, M.M.K. & Falcão, C.N.B. (2005). A escuta na psicanálise e a psicanálise da escuta. In: *Psychê*, 9(15), 65-76.
- Maia, M. (2005). *Extremos da alma: dor e trauma na atualidade da clínica psicanalítica* (2ª ed.). Rio de Janeiro: Garamond.
- Moraes, R. (1999). Análise de conteúdo. In: *Educação*, 37(22), 7-32, Porto Alegre: PUCRS.
- Morin, E., Tonelli, M.J. & Pliopas, A.L.V. (2007). O trabalho e seus sentidos. In: *Psicologia & Sociedade*, 19, Edição Especial 1, 47-56.
- Muniz, J.A. (1996). PPA: Programa de preparação para o amanhã. In: *Estudos de Psicologia*, 2(1), 198-204.
- Nunes, M. L. (2005). Entrevista como instrumento de pesquisa. In: M. Macedo & C. Leanira (orgs.), *(Con)textos de entrevista: olhares diversos sobre a interação humana* (pp. 207-222). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Rocha, Z. (2008). A experiência psicanalítica: seus desafios e vicissitudes, hoje e amanhã. In: *Ágora*, 11(1), 101-116.
- Rodrigues, M., Ayabe, N.H., Lunardelli, M.C.F. & Canêo, L.C. (2005). A Preparação para a aposentadoria: O papel do psicólogo frente a essa questão. In: *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 6(1), 53-62.
- Santos, M.F.S. (1990). *Identidade e aposentadoria*. São Paulo: EPU.

- Soares, D.H.P., Costa, A.B., Rosa, A.M. & Oliveira, M.L.S. (2007). Aposenta-ção: programa de preparação para aposentadoria. In: *Estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento*, 12, 143-161.
- Soares, D.H.P. & Bogoni, A. (2008). Projetos de futuro na aposentadoria: uma discussão fundamentada pela orientação profissional em psicologia. In: *Revista de Psicologia y Ciências Afines*, 5(2), 35-46.
- Vries, M. (2003). Síndrome da aposentaria. In: *Revista HSM Management*, 8(41), 182-190.

CONSIDERAÇÕES FINAIS DA DISSERTAÇÃO

A vida laboral constitui-se como um universo que oferece amplas possibilidades de investigação. Os estudos realizados durante esta dissertação constataram a relevância da atividade profissional tanto na vida pessoal quanto no contexto sociocultural no qual está inserido o trabalhador. Assim, ela se configura como um meio privilegiado na produção de sentido a respeito das vivências cotidianas da vida adulta, ao mesmo tempo em que veicula o acesso do homem ao circuito social.

Percebeu-se, então, o significativo papel desempenhado pelo trabalho na constituição subjetiva e sua influência no processo identificatório do homem contemporâneo. A importância da vida laboral situa-se para além da garantia do sustento econômico, ao possibilitar também uma sustentação de valor ao si mesmo. Sem dúvida, o exercício de uma função profissional se dá em um fértil e complexo campo de investimentos afetivos que produz incessantes efeitos no sujeito trabalhador. A dinâmica presente no mundo do trabalho descortina uma forma do sujeito administrar sua economia psíquica. Assim, os investimentos do campo narcísico estão interrelacionados à produção de sentido sobre o trabalho na vida do sujeito. Constatou-se, por meio das entrevistas realizadas, o quanto o direcionamento do capital libidinal do sujeito para as atividades de trabalho, bem como para as relações intersubjetivas presentes no ambiente profissional permite o exercício da capacidade sublimatória essencial para a garantia da saúde psíquica.

É inegável, nesse contexto, a existência de um impacto subjetivo diante do rompimento com a vida laborativa decorrente da vivência de aposentadoria. A complexidade de tal experiência envolve a percepção social de que o homem aposentado encontra-se em direção oposta ao caminho traçado pelos valores preconizados nos tempos atuais. Em função disso, é eminente a necessidade de um trabalho psíquico singular mediante o reconhecimento de que o sujeito encontra-se na platéia e não mais no palco, como personagem atuante dos processos produtivos.

Uma exploração acerca da especificidade da inter-relação homem/trabalho frente ao processo de aposentadoria no contexto militar sustentou o objetivo primeiro desta dissertação. Tal motivação decorreu da constatação de que as particularidades da vida militar fortalecem o vínculo do sujeito com o trabalho, ao mesmo tempo em que dificultam o afastamento do exercício da atividade profissional. Diante do exposto e da possibilidade de acesso aos sujeitos participantes desta pesquisa, configurou-se a problematização dos fatores envolvidos na passagem para a reserva no âmbito do militarismo.

O esforço dos participantes deste estudo para um não reconhecimento do sofrimento despertado pela experiência de aposentadoria possibilitou questionamentos acerca da dificuldade contemporânea de aproximação com o saber sobre si mesmo. A busca por uma atribuição de sentido frente à vivência de ruptura com a vida laboral pode ser apreendida tanto na própria experiência da passagem para a reserva, quanto na oportunidade de falar sobre esse processo a partir do convite para a participação na entrevista. Assim, constatou-se no decorrer das mesmas um movimento *a posteriori* dos participantes de relatar receios e temores associados à experiência da ida para a reserva, bem como se deu a expressão de algumas frustrações e ressentimentos associados ao exercício da vida militar que permaneciam sem serem nomeados.

A Psicanálise, desde o legado freudiano, valoriza uma posição interrogativa e não conclusiva diante da complexidade dos fenômenos humanos. A necessidade própria da teoria psicanalítica de colocar-se em constante questionamento permite sua inserção em contextos diversificados da clínica tradicional. Valoriza-se, nesse cenário, uma postura reflexiva e aberta à singularidade frente às experiências humanas, no sentido de desafiar os limites já instituídos do conhecimento, a fim de percorrer novos caminhos e desvelar novos sentidos. Constata-se, portanto, que o convite à palavra, na situação deste estudo, colocou em cena conflitos que foram silenciados, e talvez continuassem fadados ao adormecimento. Além disso, a possibilidade de escuta instigou a produção de relatos nos quais os sujeitos puderam colocar-se novamente no papel de protagonistas que fazem os rumos de sua própria história.

A partir dessa perspectiva, percebe-se que o estudo a respeito das vivências laborais no âmbito militar não se esgota nesta pesquisa. Abre-se inquestionavelmente a possibilidade de propor novas reflexões e pesquisas que resultem em práticas que promovam melhorias na preparação do sujeito para a vivência de sua aposentadoria. Trata-se de intervenções que não só visem à prevenção de situações de padecimento humano, mas também a proposição de ações que promovam a saúde psíquica em situações decorrentes do desajuste do sujeito frente ao afastamento de seu mundo laboral.

ANEXOS

ANEXO A

**Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul**



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

OF.CEP-034/10

Porto Alegre, 06 de janeiro de 2010.

Senhora Pesquisadora,

O Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS apreciou e aprovou seu protocolo de pesquisa registro CEP 09/04906 intitulado **"Vivência da aposentadoria masculina no contexto militar: enlaces entre trabalho e narcisismo"**.

Salientamos que seu estudo pode ser iniciado a partir desta data.

Os relatórios parciais e final deverão ser encaminhados a este CEP.

Atenciosamente,


Prof. Dr. José Roberto Goldim
Coordenador do CEP-PUCRS

Ilma. Sra.
Profa. Monica Medeiros Kother Macedo
FAPSI
Nesta Universidade

PUCRS

Campus Central
Av. Ipiranga, 6690 – 3º andar – CEP: 90610-000
Sala 314 – Fone Fax: (51) 3320-3345
E-mail: cep@pucrs.br
www.pucrs.br/prppg/cep

ANEXO B

Carta

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Local e data.

Prezado Senhor.

O meu nome é Paula Kegler, sou psicóloga e mestranda do Programa de Pós-Graduação da Faculdade Psicologia da PUCRS. Estou desenvolvendo um projeto de pesquisa sob a orientação da Dra Mônica Medeiros Kother Macedo, coordenadora do Grupo de Pesquisa Fundamentos e Intervenções em Psicanálise do referido Programa de Pós-Graduação.

Em 2008 o Ministério da Saúde lançou uma Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem. Neste contexto, a temática do trabalho e a decorrente vivência de aposentadoria, surgem como fatores a serem analisados quando o tema é saúde masculina. Diante desta necessidade de estender o olhar às subjetividades masculinas, surgiu o interesse de realizar um estudo sobre a vivência da aposentadoria por parte dos homens.

Este estudo tem o objetivo de investigar o processo de significação da vivência da aposentadoria masculina no contexto militar, pois observou-se que a experiência de aposentar-se é um processo diferenciado no âmbito do serviço militar. Tal estudo prevê a participação de militares que se aposentaram por tempo de serviço no período compreendido entre janeiro e dezembro de 2008.

Venho, por meio desta carta, convidá-lo a participar da pesquisa em questão. Seu nome e endereço foram fornecidos pelo SERINT-5, que está ciente dos objetivos da pesquisa e autorizou o acesso a seus dados pessoais. Entrarei em contato por telefone para saber se você concorda em participar do estudo. Em caso afirmativo, haverá a marcação de um horário para a realização uma entrevista na qual serão tratados assuntos relativos à sua experiência diante da aposentadoria.

Agradeço antecipadamente sua atenção e espero pela sua disponibilidade e concordância em participar deste estudo, salientando que desta forma, você estará colaborando para que sejam desenvolvidos novos conhecimentos científicos sobre o assunto.

Paula Kegler
Pesquisadora / Mestranda

Dr^a. Mônica Medeiros Kother Macedo
Professora Orientadora / PUCRS

ANEXO C

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

As características e valores da cultura contemporânea influenciam na forma como as pessoas enfrentam as situações cotidianas. Diante do aumento da preocupação com a saúde psíquica do homem, observa-se a importância de refletir a respeito das peculiaridades da experiência de aposentadoria por parte de homens. Estamos solicitando autorização para que você possa participar da pesquisa intitulada “**Vivência da aposentadoria masculina no contexto militar: enlces entre trabalho e narcisismo**”. Este estudo está relacionado a uma Dissertação de Mestrado desenvolvida pela mestrandia Paula Kegler, junto ao Grupo de Pesquisa Fundamentos e Intervenções em Psicanálise, coordenado pela Dra Mônica Medeiros Kother Macedo no Programa de Pós-Graduação e Pesquisa da Faculdade Psicologia da PUCRS.

Tal estudo prevê a participação de militares aposentados há, no máximo, três anos. Para tanto, será realizada uma entrevista semi-estruturada com questões abertas, que será gravada em áudio e, posteriormente, transcrita. Os achados obtidos nesta pesquisa serão utilizados para fins de publicações científicas, mas fica assegurada a preservação do sigilo quanto à identificação dos participantes. Você estará colaborando para que sejam desenvolvidos novos conhecimentos científicos sobre o assunto.

A concordância em participar desta pesquisa abrange a possibilidade de publicação dos dados em formato de artigo científico e/ou exposição em eventos, seguindo as normas éticas de pesquisa.

Eu, _____, declaro, pelo presente consentimento, que fui informado, de forma clara e detalhada, dos objetivos da pesquisa. Terei também total liberdade para, a qualquer momento, retirar o meu consentimento de participação neste estudo, sem prejuízo algum a minha pessoa. Entendo que eu não serei identificado e que se manterá o caráter confidencial das informações registradas relacionadas com a minha privacidade. Aceito participar deste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido. Caso tenha novas perguntas sobre este estudo, posso contatar a mestrandia **Paula Kegler, no telefone 8175-2101**.

Assinatura do participante	Data
Mônica Medeiros Kother Macedo CRP: 07/03039	Data
Paula Kegler CRP: 07/15833	Data